

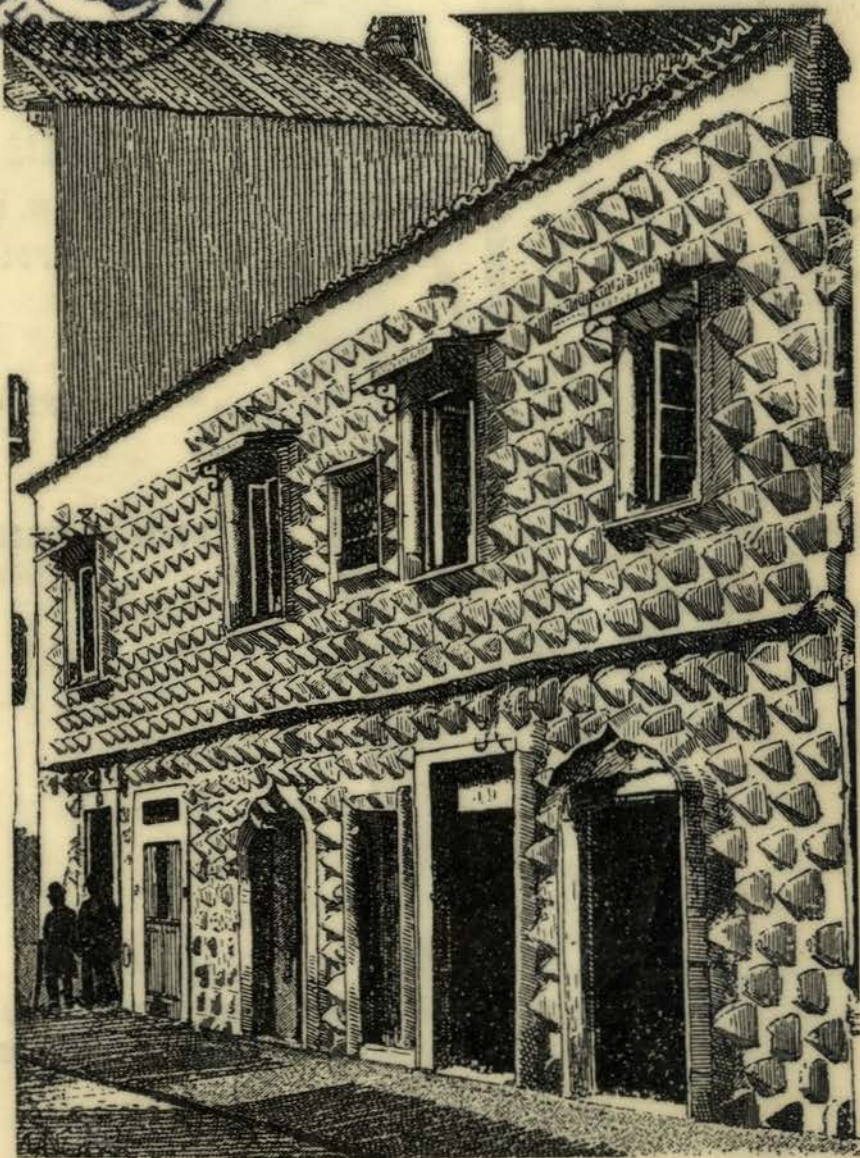
OLISIPO



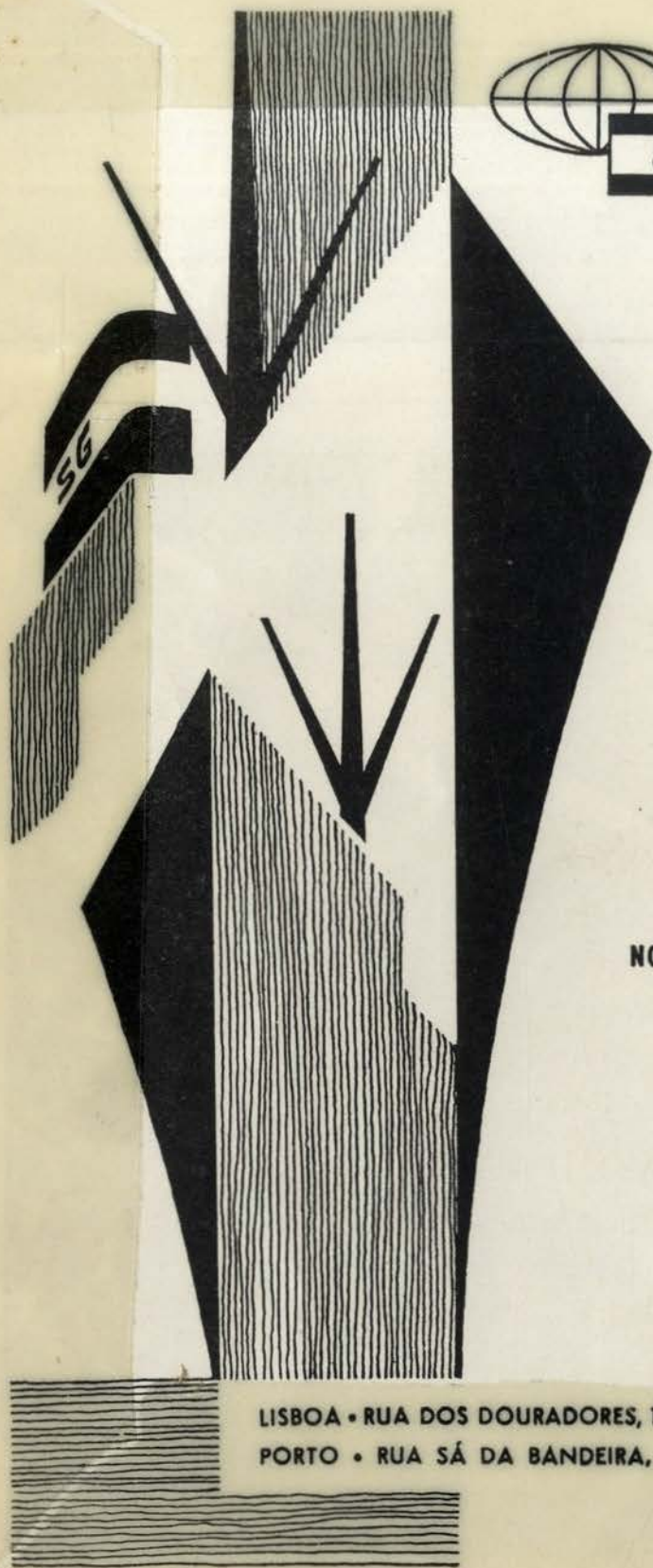
*Boletim Trimestral do Grupo
Amigos de Lisboa*



25 Anos
de
Cultura
Olisiponense



ANO XXIV
N.º 95
JULHO
1961



S.G.

SOCIEDADE GERAL

**DE
COMÉRCIO,
INDÚSTRIA
E
TRANSPORTES**

CARREIRAS REGULARES

**DIAS 10, 15 e 25 DE CADA MÊS
METRÓPOLE • CABO VERDE
E GUINÉ**

MENSAIS

**METRÓPOLE • S. TOMÉ E PRÍNCIPE
E ANGOLA**

DE 21 EM 21 DIAS

**NORTE DA EUROPA • LISBOA, MATADI
E ANGOLA**

SEMANAIS

ANVERS • PORTUGAL

**LISBOA • RUA DOS DOURADORES, 11 • TELEF. 26314 • 34513 • TELEG. GERAL
PORTO • RUA SÁ DA BANDEIRA, 82 • TELEF. 27363 • TELEG. SABÕES**



GAIVOTAS, LDA.

FABRICA DE VIDROS E CRISTAIS

Fundada em 1811

Telefs. 663177/78

Especializada em todo o género de vidraria para iluminação, frascaria para perfumaria e laboratórios e artigos domésticos

A alta qualidade do seu fabrico corresponde a preferência dada aos seus produtos por uma vasta Clientela da Metrópole, Ultramar e Estrangeiro

Fábrica: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

Escritório: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 20-C 1.º

Casa de venda ao público: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

LISBOA

Companhia Nacional de Navegação

Sede: Rua do Comércio, 85 — LISBOA — Telefones 2 30 21 e 2 30 26

Sucursal: R. Infante D. Henrique, 63 — PORTO — Telefones 2 24 38 e 2 24 39

Serviço rápido de carga e passageiros para a África
Occidental e África Oriental, Oriente e Norte da Europa

UMA FROTA AO SERVIÇO DA NAÇÃO E DO IMPÉRIO

| Navios de passageiros | Tons. D. W. | Tons. desloc. | | Navios de carga | Tons. desloc. | Tons. D. W. |
|-------------------------|-------------|---------------|--|-----------------|---------------|-------------|
| Príncipe Perfeito... .. | 8.600 | 20.000 | | Save | 1.330 | 2.680 |
| Moçambique | 9.423 | 18.220 | | Sofala | 12.145 | 18.520 |
| Angola | 9.550 | 18.250 | | Moçâmedes .. | 9.120 | 12.990 |
| Niassa | 9.706 | 16.330 | | Rovuma | 9.120 | 12.990 |
| Quanza | 6.230 | 11.550 | | S. Tomé .. | 9.050 | 12.550 |
| Índia | 6.655 | 11.677 | | Nacala | 3.370 | 5.130 |
| Timor | 6.655 | 11.677 | | Tagus | 1.532 | 2.581 |
| Zambézia | 1.857 | 3.538 | | Chinde | 1.543 | 2.592 |
| Lúrio | 1.857 | 3.538 | | Angoche .. | 1.630 | 2.320 |

COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES

Grandes e pequenas quantidades

LIVRARIA «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58

• Telef. 2 8663

• LISBOA

*Diga
simplesmente:*

C. R. G. E.



C. R. G. E. são as iniciais de
«COMPANHIAS REUNIDAS
GÁS E ELECTRICIDADE»;
é uma abreviatura fácil
de reter e de pronunciar

Mas quer nos chamem
C.R.G.E. OU COMPANHIAS REU-
NIDAS GÁS E ELECTRICIDADE
pode-se contar com toda a
nossa boa-vontade em conti-
nuar a prestar os melhores
serviços com um fornecimento
eficiente de energia eléctrica e
de gás para a cidade que cresce.

**COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE
LISBOA**

BERTRAND (IRMÃOS), LDA.

Artes Gráficas

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ROTOGRAVURA
"OFFSET" - DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7
Telef. 21368 - 21227 - 30054 — LISBOA

A LEGAL & GENERAL

agradece aos

«AMIGOS DE LISBOA»

*a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contratos de seguros*

Capital e Reservas:

450 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA

Na

LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.ª livros sobre
todos os assuntos escritos nas
principais línguas europeias

Damos informações biblio-
gráficas e aceitamos enco-
mendas para todos os países

LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo

70

Telefones: 30582 - 30583 - 28220
Secção de revenda e armazéns
Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23

LISBOA - 2

Pérola do Rossio

Limitada

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas

para

Todo o País e Estrangeiro

Rossio, 105 • Lisboa • Telef. 20744

POUSADAS DE PORTUGAL

PARA se reconhecer a verdadeira face de Portugal e as suas belezas reais, nada mais indicado do que um circuito pelas suas tão características Pousadas de Turismo.

Situadas nos pontos mais pitorescos do País, decoradas e mobiladas ao gosto local, com saborosa e variada comida regional — dentro da melhor tradição portuguesa — as POUSADAS oferecem generosamente ao viajante, por preço excepcionalmente módico, o conforto e a intimidade de uma casa particular, onde ele tem sempre a certeza de encontrar o tradicional acolhimento português, que é a expressão do próprio País.

Ao falar-se do turismo português não pode em verdade ignorar-se o que representa no seu desenvolvimento a criação desses típicos albergues de ambiente agradável e acolhedor.

Lugares de repouso, de tranquilidade, eles representam incontestavelmente uma das realizações mais interessantes da actividade do turismo nacional.

E o que é também notável e merece que se divulgue, é que o exemplo destes pequenos estabelecimentos, a sua lição de bom gosto, foi rapidamente compreendida e seguida pelos industriais de hotelaria. Resultou, assim, que muitos pequenos hotéis de província construídos ultimamente, foram já levantados ao jeito das POUSADAS, copiando o seu estilo — tudo o que nelas é característico: claridade, limpeza e conforto.

Alcançou-se desta forma e com pleno êxito o objectivo em vista pelo Estado: estimular o desenvolvimento da indústria hoteleira, elevar o nível do bom gosto, tornando assim mais agradável, mais acolhedora a tradicional hospitalidade da terra lusitana.

Pousada do Barão de Forrester

ALIJÓ

Situação: Na estrada do Pinhão a Murça. A 45 kms. de Vila Real; a 3 kms. de Sabrosa; a 16 kms. do Pinhão e a 26 kms. de Murça.

Pousada de Santo António

SERÉM — MOURISCA DO VOUGA

Situação: Lugar de Serém, freguesia de Macinhata do Vouga (Águeda) junto à Estrada Nacional n.º 1 (Lisboa-Porto), 0,500 kms. ao norte da ponte sobre o rio Vouga.

Pousada de São Lourenço

SERRA DA ESTRELA — MANTEIGAS

Situação: Na Serra da Estrela a 3 kms. das Penhas Douradas; a 24 kms. ao sul de Gouveia, a 14 kms. ao norte de Manteigas e a 1.500 m. de altitude.

Pousada do Castelo

ÓBIDOS

Situação: A 6 kms. de Caldas da Rainha e a 11 kms. do Bombarral.

Pousada de São João Baptista

BERLENGA

Situação: Na Ilha da Berlenga.

Pousada de S. Bartolomeu

BRAGANÇA

Situação: Em Bragança, na estrada de turismo que circunda o cabeço de S. Bartolomeu; a 30 kms. de Quintanilha (Fronteira Espanhola).

Pousada de São Martinho

ALFEIZERÃO

Situação: Ao Km. 229 na estrada de Lisboa ao Porto, em Alfeizerão — entre Caldas da Rainha e Alcobaca — junto à estrada, na rampa de Alfeizerão.

Pousada de Santa Luzia

ELVAS

Situação: Fora das muralhas de Elvas, a 200 metros da cidade, junto à Estrada Nacional de Lisboa a Badajoz.

Pousada de São Tiago

SANTIAGO DO CACÉM

Situação: Junto à Estrada Nacional, na descida para Santiago do Cacém.

Pousada de São Brás

S. BRÁS DE ALPORTEL

Situação: Na Serra do Caldeirão, junto à Estrada Nacional, a 12 kms. ao sul do cruzamento do Barranco do Velho e a 2,500 kms. ao norte de S. Brás de Alportel.

Pousada de São Gonçalo

SERRA DO MARÃO — AMARANTE

Situação: Entre Amarante e Vila Real, no lugar da Bela Vista, perto do Alto do Espinho, no limite do distrito do Porto, a 885 m. de altitude.

Pousada do Infante

SAGRES

Situação: Sagres, na Ponta da Atalaia; a 32 kms. de Lagos e a 50 kms. de Portimão.

Oferta

27. JUL. 1988

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXII

JULHO DE 1961

NÚMERO 95

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 2 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16
Direcção gráfica de Luís Moita



SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| OS EXCELENTÍSSIMOS PRESIDENTE E VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL VISITAM A SEDE DOS «AMIGOS DE LISBOA» ... | 113 |
| ICONOGRAFIA OLISIPONENSE EM AZULEJOS pelo Engenheiro <i>J. M. dos Santos Simões</i> | 115 |
| O ÓRGÃO DE S. VICENTE DE FORA por <i>L. A. Esteves Pereira</i> | 135 |
| CINCO-RÉISINHOS PARA O SANTO ANTÓNIO por <i>Alfredo Ferreira do Nascimento</i> | 149 |
| ACTIVIDADE CULTURAL | 155 |
| FEIRA DA LADRA | 161 |
| CAPA: A Casa dos Bicos, edifício do 1.º terço do século XVI | |
| VINHETAS de <i>Figueiredo Sobral</i> | |

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores



*O Senhor Presidente da Câmara
Brigadeiro ANTÓNIO VICTORINO FRANÇA BORGES
assinando no Livro de Honra do Grupo «Amigos de Lisboa»*

EM 16 de Junho de 1961 — em pleno período das Comemorações do 25.º Aniversário do Grupo — a nossa sede foi visitada por Suas Excelências os Senhores Presidente e Vice-Presidente da Excelentíssima Câmara Municipal de Lisboa.

No Livro de Honra exararam as palavras que a seguir se arquivam:

Presidente

UM lisboeta apresenta os seus melhores agradecimentos a tudo quanto têm feito e continuarão fazendo a bem da Cidade, os beneméritos «Amigos de Lisboa».

Lisboa, 16 de Junho de 1961.

António Victorino França Borges

Vice-Presidente

VELHO apaixonado desta nossa linda e querida urbe, é com a maior satisfação que aqui consigno algumas palavras apropósito dos 25 anos do nosso Grupo.

Aos seus ilustres Directores e apaixonados Servidores do Grupo as minhas felicitações pela obra que têm desenvolvido tudo por Lisboa.

16/6/61.

Aníbal David

ICONOGRAFIA OLISIPONENSE

EM

AZULEJOS

por J. M. DOS SANTOS SIMÕES

SE considerarmos a extraordinária riqueza iconográfica que a azulejaria portuguesa patenteia, particularmente desde o meado do século XVII, testemunhando os mais variados aspectos da vida portuguesa, e, ainda, se atendermos ao facto de que foi principalmente em Lisboa que se processou a produção desses azulejos figurados, teremos que estranhar a relativa parcimónia dos pintores e artífices da especialidade que tão pouco aproveitaram a capital do Reino para motivo das suas criações pictóricas.

São em número reduzido os azulejos onde se reproduzem aspectos lisboetas, já como tema principal, já apenas como acessórios de composição; além dos conhecidos e referidos na bibliografia, poucos mais haverá que tenham escapado à vista dos curiosos ou à análise dos eruditos. Assim toma foros de sensacional a «descoberta» de mais testemunhos iconográficos da Lisboa de outros tempos, mesmo quando eles não trazem novidades de maior monta para o conhecimento da fisionomia cidadina.

Foi precisamente uma série de «descobertas» deste género que deu origem a esta modesta contribuição a qual se imprime apenas para registar o facto e para excitar a curiosidade dos especialistas olisipógrafos.

Antes, porém, de me referir às «novidades» julgo útil recapitular e relacionar o que se conhece em matéria de iconografia azulejar com interesse para a História de Lisboa.

- 1) GRANDE VISTA DE LISBOA, que fez parte da decoração do antigo Palácio dos Condes de Tentúgal, no Largo de São Tiago. Anunciados para venda no *Diário do Governo*, de 11 de Abril de 1843 ⁽¹⁾, parece que só mais tarde foram os azulejos adquiridos pelo Marquês de Sousa Holstein para a Academia de Belas Artes e integrados nas colecções do Museu Nacional de Arte Antiga, onde têm sido expostos desde 1903. Esta enorme e importantíssima panorâmica que tem sido referida por todos os estudiosos de Lisboa, desde a 1.^a edição da *Lisboa Antiga*, de Júlio de Castilho (1890), foi pormenorizadamente analisada por Vieira da Silva ⁽²⁾. A ela me voltarei a referir.
- 2) e 3) PAINÉIS que fazem parte do silhar da antiga Capela do Patriarca — ou Portaria — do Convento de São Vicente de Fora, respectivamente com a evocação da *Tomada de Lisboa aos Mouros* e a *Construção da Igreja de S. Vicente de Fora*. Também muito conhecidos e várias vezes referidos por olisipógrafos e ceramógrafos, foram estes azulejos descritos em extensão por José Queirós ⁽³⁾.
- 4) PAINEL hagiográfico encontrado fortuitamente num prédio da Costa do Castelo. Na paisagem que serve de fundo à figuração, representou-se um trecho do Terreiro do Paço. Este painel, que na ocasião do achamento — 1914 — suscitou acesas e violentas discussões na imprensa lisboeta, vem referido por Vieira da Silva na *Revista Municipal* ⁽⁴⁾ e encontra-se exposto no Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Edifício Histórico do Carmo).

Provenientes de palácio ou casa nobre desaparecida, conhecem-se três painéis de idênticas dimensões e características e que constituíam uma série iconográfica, talvez mais extensa. São eles:

⁽¹⁾ Matos Sequeira, «Um Estendal de Ferro-Velho», in *Belas Artes*, 2.^a série, n.º 15 — Lisboa, 1960.

⁽²⁾ Vieira da Silva, «Panorama de Lisboa em Azulejos...», in *Armas e Trofeus*, vol. I — Lisboa, 1932.

⁽³⁾ José Queirós, «Azulejos de São Vicente de Fora (Portaria)», in *Faenza*, Ano I — Faenza, 1913.

⁽⁴⁾ Vieira da Silva, «Iconografia de Lisboa», in *Revista Municipal*, n.º 32 — Lisboa, 1947.

- 5) PAINEL rectangular, de pintura azul-forte, com a representação do Terreiro do Paço em quase toda a sua extensão;
- 6) PAINEL idêntico ao anterior tendo pintada a vista do Rossio, com a fachada do Hospital de Todos-os-Santos.

Ambos os painéis estão há muitos anos precariamente instalados em um muro de suporte de jardim do prédio da Estrada de Benfica, n.º 386. José Queirós conhecia estes azulejos, os quais viu pela primeira vez em 14 de Março de 1915, conforme deixou anotado em um dos seus preciosos livrinhos de apontamentos ⁽⁵⁾. Transcrevo a referência:

AZULEJOS — Bemfica, Avenida Barjona de Freitas (Casa Ferro-de-Engomar). Azulejos representando o Paço da Ribeira etc.. Alt. 8 x 24. Estão um pouco deteriorados o que é para lastimar. Tem a mesma sanefa que o quadro representando o mercado da Ribeira Velha que vi em casa da viuva do Dr. Barral. São todos a azul e do sec. XVIII, principio. O que representa o Rocio, com o Hospital de Todos os Santos, da mesma série tem a mesma quantidade de azulejos que aquele e está no mesmo estado. Ha aqui mais alguns azulejos cujos quadros representam refeições ao ar livre, danças, minuete, etc.»

- 7) PAINEL idêntico aos anteriores, mostrando um trecho da Ribeira Velha, destacando-se o edifício da «Casa-dos-Bicos». Era este o painel visto por José Queirós na casa da viúva do Dr. Barral e que foi depois adquirido por D. Fernando de Almeida. Este benemérito coleccionador fez doação do painel à Câmara Municipal de Lisboa, estando actualmente arrecadado no Museu da Cidade (Palácio da Mitra) onde aguarda exposição condigna.

Estes três últimos quadros de azulejo são bem conhecidos e tem sido frequentemente reproduzidos sempre que se deseja evocar a fisionomia do Rossio de antes do Terramoto, do Palácio Real da Ribeira, ou da famosa Casa-dos-Bicos.

(5) Tenho em meu poder, por gentil oferta de pessoas amigas, alguns livrinhos de apontamentos de José Queirós, verdadeiras jóias, não só pelas informações que contêm, como pela graciosidade dos pequenos desenhos que por vezes ilustram as notas. O caderno de onde é feita a transcrição acima é o que corresponde à primeira parte do ano de 1915 e o registo da visita a Bemfica está a pág. 30.

- 8) e 9) PAINÉIS de um silhar baixo, provenientes do antigo Mosteiro das Trinas, representando nos medalhões centrais, respectivamente as vistas do Terreiro do Paço e do Rossio. Encontram-se arrecadados no Museu Nacional de Arte Antiga aguardando exposição no futuro Museu do Azulejo, em via de instalação no antigo Mosteiro da Madre de Deus. Referidos juntamente com outros do mesmo tipo, cujo paradeiro ignoro⁽⁶⁾, estiveram patentes ao público quando da Exposição Temporária de Azulejos do Museu Nacional de Arte Antiga⁽⁷⁾.
- 10) SILHAR em Painéis que foi do claustro do antigo Convento de Santo Agostinho (vulgo da Graça) de Torres Vedras, transferidos para o reformatório de São Bernardino, próximo de Peniche, em cujo refeitório se encontram. Em um dos painéis, aliás truncado, mostra-se a fachada principal do Convento de Nossa Senhora da Graça, de Lisboa, tal como era antes do Terramoto Grande⁽⁸⁾.
- 11) PAINEL que faz parte do silhar azulejado do Claustro da Ordem Terceira de São Francisco, da Cidade do Salvador (Baía, Brasil), representando a chegada a Belém do cortejo nupcial do Príncipe D. José — futuro rei D. José I — e da Infanta D. Maria Ana Vitória, em 12 de Fevereiro de 1729, revelado pelo Dr. João Pereira Dias⁽⁹⁾. Se bem que todo o longo silhar reproduza o cortejo que se estendeu desde Belém até ao Terreiro do Paço, não contem, infelizmente, motivos de interesse iconográfico, à parte os «arcos triunfais» que foram dos maiores atractivos dos festejos.

A esta escassa dúzia de exemplares certamente ilustrativos da Lisboa antiga, poderei, pela minha parte, acrescentar outros tantos, até agora inéditos, nomeadamente os painéis que guarnecem as paredes da sala do Consistório da Ordem Terceira de São Francisco, do Salvador e que,

⁽⁶⁾ Matos Sequeira, in *Terra Portuguesa*, II, pp. 138-142 - 1916.

⁽⁷⁾ *Catálogo da Exposição*, 1947, n.º 65.

⁽⁸⁾ Matos Sequeira, *Inventário Artístico de Portugal*, «Distrito de Leiria», p. 104 - Lisboa, 1955.

⁽⁹⁾ In *Belas Artes*, n.º 7 - Lisboa, 1954.

inexplicavelmente, escaparam à análise dos investigadores olisipófilos⁽¹⁰⁾. Porque esta colecção está a ser objecto de estudo para publicação monográfica, não me ocuparei dela neste lugar, preferindo revelar aos «Amigos de Lisboa» outros exemplares igualmente desconhecidos e que não são menos dignos de consideração⁽¹¹⁾.

Têm sido creditados à iconografia lisboeta algumas representações figuradas onde aparecem edifícios que, de uma maneira mais ou menos convencional e vaga, se têm identificado com monumentos da capital. Estão neste caso, por exemplo, os painéis que ornamentam a Ermida do Senhor Jesus dos Navegantes — na Rua dos Navegantes — onde há nítidas intenções representativas do Convento da Esperança, sem que no entanto se possa garantir a fidedignidade iconográfica.

Também a Igreja de Santa Maria — a Sé Catedral de Lisboa — é frequentemente evocada nos painéis azulejares antonianos, no passo do *Milagre da Ressurreição*. Conforme com a tradição portuguesa foi precisamente à porta da Sé de Lisboa — no local onde se ergueu a Igreja de Santo António — que o Taumaturgo Lisboeta operou o milagre. Destes painéis é conhecido e está publicado o que se encontra na Ilha de Santa Maria (Açores)⁽¹²⁾; do mesmo autor certamente é outro muito semelhante e com a mesma representação, em Alcácer do Sal. São produtos da segunda metade do século XVII.

A Torre de Belém, tradicional «marca» de Lisboa, pode também ter servido para inspirar alguns pintores de azulejos quando necessitavam ou desejavam representar fortificações ribeirinhas. Além dos casos concretos iniludíveis por se tratar de facto da Torre de Belém — quando bem localizada e enquadrada pelos Jerónimos ou pelo Palácio da Praia — as restantes apresentações não podem ser autorizadas como representativas. Casos há porém em que a semelhança é tão grande que se pode aceitar a intenção. São os casos, por exemplo, de um painel que se encontra no mesmo jardim da casa da Estrada de Benfica onde vimos os painéis 5) e 6), certamente pertencentes à série das vistas lisboetas, e de outro que

(10) Estes azulejos foram objecto de uma comunicação que tive a honra de levar à Sede dos «Amigos de Lisboa», em 31 de Março de 1960.

(11) Será publicado em breve um pequeno estudo sobre outra série de azulejos iconográficos e que nem por serem dos meados do século XIX devem ficar esquecidos. Refiro-me aos painéis de um jardim particular dos arredores de Lisboa onde há vistas da Lisboa romântica, bem como de Sintra, de Mafra, ... da Cidade do Cabo e de Macau!

(12) Rocha Mandahil, in *Feira da Ladra*, I, p. 218 - 1930; Matos Sequeira, in *Olisipo* - 1957.

adorna uma das salas da casa nobre da Travessa de André Valente, onde residiu o Dr. José de Arruela e esteve uma secção do Instituto Britânico.

Mais interessante, talvez, é uma série de cinco painéis que completam o silhar de uma das salas do 2.^a andar do prédio n.º 4 da Calçada Salvador Correia de Sá e onde se representam outros tantos conventos de «capuchos». Não foi ainda possível identificar cada um dos edifícios, sendo manifesto que devem corresponder a outras tantas construções que, com maior ou menor fantasia, serviram de modelo.

★

De todas as representações plásticas de Lisboa a mais vasta e sob certos aspectos a mais interessante é a Grande Vista de Lisboa, em azulejos, que foi dos Condes de Tentúgal (supra 1). A enorme panorâmica que concentra em 21 metros de longo a margem norte do Tejo, entre Algés e a Madre de Deus, esteve, como se disse, no Museu Nacional de Arte Antiga, a cujo fundo pertence. O espaço que exige para condigna apresentação foi, desde sempre, óbice relevante para a sua exposição e, assim, tem ocupado vários locais, nenhum respondendo bem aos ditâmes museológicos. Logo inicialmente — em 1903 — a montagem dos azulejos no longo painel foi, ao que parece, condicionada ao espaço disponível — parte do átrio de entrada do antigo Palácio dos Condes de Alvor, vulgo «das Janelas Verdes» — e, sabemo-lo agora, foi a panorâmica encurtada com a omissão de alguns azulejos dos extremos.

Quando recentemente se iniciou a remoção para o edifício do Mosteiro da Madre de Deus dos azulejos que vão constituir o núcleo do futuro Museu do Azulejo — a grande maioria dos quais se encontrava encaixotada ou amontoada a granel — procedeu-se ao trabalho de reconhecimento desse fundo, fazendo-se as necessárias separações e triagens.

Em um dos muitos caixotes, ainda com as tampas pregadas, encontraram-se azulejos que logo se reconheceu pertencerem a um conjunto ou painel: os ladrilhos, alguns partidos, ostentavam no verso (tardoz) as características marcas originais de ordenação e assim foi fácil dispô-los correctamente. Calcula-se facilmente o alvoroço do signatário quando «descobriu» que se obtivera um painel praticamente completo, ostentando trecho de paisagem urbana, facilmente identificável com a Grande Vista de Lisboa de que parecia fazer parte! Uma ligeira observação do que estava à vista permitia reconhecer nos edifícios o antigo Convento de Xabregas, ou seja, supor que estes azulejos constituíam a continuação da grande panorâmica para o lado do Nascente.

Poucos dias depois ao fazer-se a triagem de outro enorme amontoado de azulejos, dos mais diversos tipos, épocas e características, foram aparecendo azulejos manifestamente semelhantes aos da mesma vista lisboeta, com as coordenadas marcadas por forma e caracteres idênticos. Devidamente escolhidos, rebuscados os mais pequenos fragmentos que podessem ter semelhanças cromáticas ou mesmo de massa com os anteriormente descobertos, iniciou-se o longo trabalho de compor um painel que logo revelou ser maior do que o primeiro, se bem que em pior estado de conservação e menos completo; em breve se reuniu o número de peças suficiente para tornar o quadro inteligível e, assim, foi possível identificar alguns dos acidentes iconográficos com o sítio de Ribamar, a poente dos últimos edifícios que, nesta direcção, se mostram na Grande Vista de Lisboa — o Convento de São José de Ribamar. Estavamos, portanto, em face de outro extremo da panorâmica dos Condes de Tentúgal, a qual parecia ter sido encurtada quando da exposição no museu.

Este segundo painel esteve montado a título provisório e para estudo durante alguns mezes mantendo-se a esperança de que fossem aparecendo os azulejos que faltavam para completar o quadro. A esperança não tem sido baldada e, pouco a pouco, de cada vez que se procede à triagem de novo «granel», têm aparecido azulejos inteiros ou fragmentos que provam pertencer ao quadro. Desta forma faltam apenas 4 azulejos completos e fragmentos de outros mas é agora possível entender a representação e tirar dela o proveito da sua lição histórica.

Pelo estudo das coordenadas deduzo que inicialmente a Grande Vista de Lisboa não seria constituída por um único painel, tal como tem sido exposta, mas que estaria dividida em troços de número irregular de peças, provavelmente de acordo com os espaços onde estavam montados. Também se verifica que os painéis agora descobertos — e provavelmente todos os outros — tiveram sua moldura constituída por uma barra de dois azulejos de largura, o que era aliás o caso normal.

Vejamos agora os dois painéis e o que eles nos podem mostrar desses sítios longínquos da Lisboa ribeirinha.

XABREGAS — O painel contém 56 azulejos, com 8 fiadas horizontais e 7 verticais (7 × 8). Os azulejos medem 140 mm de lado, excepto os das verticais extremas que, rectangulares, têm 140 × 118 mm. Esta medida foi obtida afeiçãoando o próprio «chacoto», ou seja o ladrilho de barro fresco, e foi provavelmente necessária para que o painel se ajustasse à medida exacta da parede onde se destinava, caso também vulgaríssimo.

Entre este painel e o extremo nascente da Grande Vista de Lisboa há solução de continuidade de alguns azulejos, pelo que não será possível o ajuste perfeito lado a lado. Faltam aqueles onde estaria parte do Palácio Real de Xabregas, ou seja onde hoje se ergue o edifício que foi Palácio dos Marqueses de Niza, imediatamente a nascente da ábside da Igreja da Madre de Deus. A vista deveria ainda mostrar a entrada do Vale de Chelas e a fachada do Convento de Xabregas a qual se advinha no cunhal da frontaria já bem visível no painel agora revelado (fig. 1).

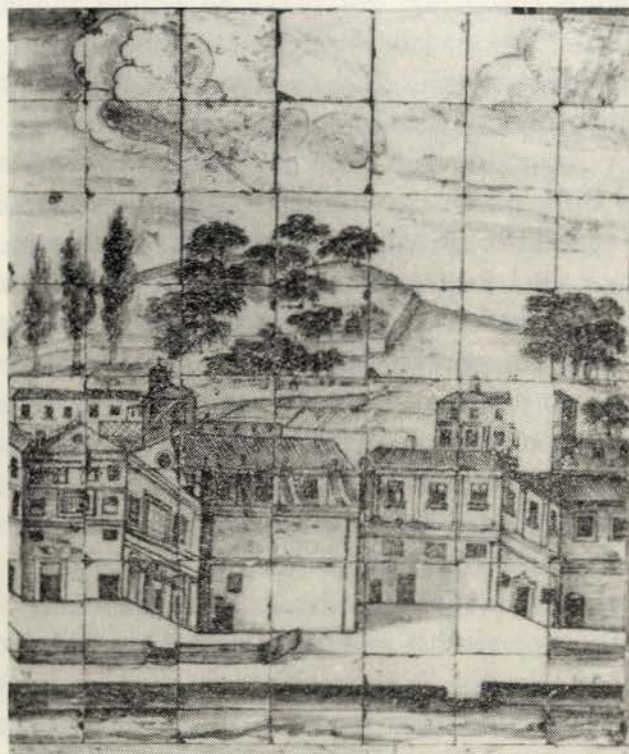


FIG. 1

Pelos elementos iconográficos desta parte ribeirinha reconhece-se a verdade da representação azulejar e desvenda-se finalmente a misteriosa representação de uma fachada com dois corpos, de tímpanos triangulares, que por vezes aparece como estando num único plano ⁽¹³⁾: estes dois corpos formavam um ângulo e limitavam o adro comum.

⁽¹³⁾ Numa gravura de Stoop, onde se vê no primeiro plano a fachada sul da Madre de Deus, está ao fundo a representação do adro do Convento de Xabregas, com as duas fachadas dispostas de tal sorte que parecem colocadas lado a lado. O mesmo fenómeno de ilusão óptica se observa em um dos painéis de azulejo do Consistório da Ordem 3.^a de São Francisco da Baía.

A Igreja do Convento de Santa Maria de Jesus, de Xabregas, casa capitular da Província dos Algarves de Franciscanos Observantes (vulgar e genéricamente conhecidos por Capuchos), não era aquela que os frades de São Francisco da antiga reforma, ou claustrais, vieram ocupar em 1460, cinco anos depois de iniciada a construção ⁽¹⁴⁾. A que se vê nos azulejos parece ser obra dos finais do século XVI ou mesmo já do século XVII a ajuizar pela arquitectura de boa ordenação clássica, com seu pórtico «capucho» de três arcos de volta perfeita, janelão rectangular para a luz do coro, tímpano triangular, simples, com óculo, contrafortes encimados por globos de pedra e separando as janelas que iluminavam o corpo da igreja. Na outra fachada, que vemos voltada ao Tejo, há duas portas: julgo que a do lado direito, mais chegada à igreja, seria a portaria do cenóbio e a da esquerda, possivelmente, a da famosa *Capela dos Cristos* onde se expunham «*todos os passos da Payxão do Senhor*» ⁽¹⁵⁾.

Os edifícios conventuais formavam um curioso complexo de telhados e torres, juntos a uma cerca murada, a mesma que o Padre Carvalho descreve como «*boa cerca de arvores silvestres cõ sua horta, & pomar, sitio alegre, & muy vistoso, por estar junto ao mar*» ⁽¹⁶⁾.

Ocupando a parte direita do painel vêem-se edificações de certa nobreza que parece nada terem que ver com o convento. Esgotei as possibilidades de apurar o que fossem, tarefa que poderá constituir prazer para os investigadores desta zona lisboeta.

RIBAMAR — Os azulejos que foi possível agrupar formam um painel com 8 azulejos na altura e 17 no comprimento, todos quadrados de 140 mm. Note-se no entanto que se encontraram pedaços dispersos e que seriam de uma primeira fiada vertical do lado esquerdo e que tinham 140 mm × 80 mm (fig. 2).

Como no caso anterior tão-pouco há uma ligação perfeita entre os azulejos extremos da Grande Vista e os deste painel, mas, desta vez, a

⁽¹⁴⁾ Os primeiros frades vieram da Ilha da Madeira. (Fr. Apolinário da Conceição, *Claustro Franciscano*, p. 40 — Lisboa, 1740.)

⁽¹⁵⁾ P. Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, III, p. 374 — Lisboa, 1712. É curioso consignar que após o Terramoto de 1755, quando se construiu o novo e enorme convento, não foi esquecida uma nova «Capela dos Cristos», de tal forma estava arreigada a devoção local. Essa nova capela albergava enorme Calvário — o célebre *Calvário de Xabregas* — e estava situada à direita do pórtico de entrada para a igreja. A capela é hoje dependência do pessoal da Fábrica de Tabacos e o Calvário, devidamente montado, encontra-se a guarnecer a capela-mor da Igreja de São Francisco, de Tomar.

⁽¹⁶⁾ *Loc. cit.*

falta deve resumir-se a duas ou três fiadas verticais, correspondentes à relativamente curta distância entre o convento de São José — último do lado poente na Vista que esteve nas Janelas Verdes — e o de Santa Catarina, primeiro do lado nascente deste novo painel.

Além dos azulejos em falta e dos muitos fragmentados, nota-se que este pano sofreu corrosão por «salitragem» com destruição não só do esmalte mas da própria massa. Também a parte central esteve sujeita a forte calor o que provocou o «recosimento» de algumas peças e o aparecimento de reticulado característico. Teriam sido efeitos do Terramoto?

Representa o painel o trecho marginal do Tejo entre a foz do Jamor, à esquerda do observador, e a vertente dos morros de Ribamar, isto é, precisamente, a zona hoje conhecida por Cruz Quebrada e Dafundo. A descrição destes sítios não poderia ser melhor feita do que repetindo as palavras do Padre Carvalho da Costa a quem dou a vez:

«O rio de Algès nasce em hum outeyro defronte de Monsanto, & augmentado com as aguas de hum ribeyro, que tem seu nascimento por cima de Outorella, se ajuntão ambos na quinta de Romeyras, & se metem no mar junto ao Forte de N. Senhora da Conceyção, aonde està hũa ponte de pedra, que parte com a quinta dos Duques do Cadaval. Alem deste Forte tem mais o de N. Senhora da Boa Viagem, o de Santa Catharina, & o de S. Joseph, defronte do qual està hum Convento de Arrabidos da invocação deste Santo, q̄ chamão de Riba mar, distante de Lisboa legoa & meia para o Poente, situado em lugar alto, donde se descobrem as Torres de S. Julião, & Cabeça Seca, ficando-lhe defronte a Torre Velha... Defronte deste Convento está o de Santa Catharina de Riba mar, de Religiosos Arrabidos, que fundou à sua custa no anno de 1551 a senhora D. Isabel, (filha do Duque de Bragança D. Jayme, a qual foy casada com o Infante D. Duarte, filho del-Rey D. Manoel) em hũa Ermida, que era annexa à Igreja de Santa Cruz do Castello, a qual pedio o Infante D. Luis ao Prior, & Beneficiados daquella Paroquia, com obrigação de lhe dar cada anno dous mil maravedis. Reedificou esta Igreja o Eminentissimo Cardeal, & Arcebispo de Lisboa D. Luis de Sousa, que hoje he do Padroado dos Marquezes de Arronches. Mais abayxo deste Convento está o de N. Senhora da Boa Viagem, tambem de Religiosos Arrabidos, que fundou a Irmãdade da Misericordia de Lisboa, por assi o ordenar em seu testamento Diogo Faleyro, q̄ deyxou por sua herdeyra a dita Irmãdade. Foy este Convento recebido na Provincia da Arrabida no anno de 1618, sendo Provincial o P. Fr. Fernando de Santa Maria, & a sua Igreja se dedicou logo a N. Senhora da Boa Viagem, cuja Imagem he muy fermosa, & està collocada no Altar môr em hũ nicho no meyo delle.» (17)

(17) P. Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, III, pp. 646 e segs. — Lisboa, 1712. Veremos que o Padre Carvalho da Costa se enganou ao escrever que a Igreja do Convento da Boa Viagem se colocou «logo» quando fundada sob a invocação de Nossa Senhora da Boa Viagem. Só vinte anos depois da fundação — em 1638 — o orago passou a ser este, já que de início era Santa Catarina a padroeira espiritual do novo convento.



Fig. 2

Da Grande Vista de Lisboa, na extrema esquerda do observador, já conhecíamos a ponte de pedra sobre o Rio de Algés e que o pintor dos azulejos coloca imediatamente a juzante da Torre de Belém, não indicando o forte de Nossa Senhora da Conceição que estaria melhor naquele local. Também ao desenhar a ponte não se deve ter cingido à verdade, a menos que esta obra-de-arte tenha sofrido alteração desde o tempo em que foi construída — 1608 — e aquele em que foram pintados os azulejos — cerca de 1730⁽¹⁸⁾.

As perspectivas estão assaz torcidas mas, no entanto, os acidentes topográficos e as edificações sucedem-se ordenadamente umas às outras. Assim, naquela última parte da Grande Vista, viamos que ocupam as suas posições relativas o Convento do Bom Sucesso, o palácio da Princesa, a quinta e palácio de Pedrouços, dos Duques de Cadaval, e, em frente deste, a Torre de Belém. Ao longe, no vale do Algés, as povoações de Outorela e Portela. Passada a ponte, começava a rampa que conduzia ao Convento de São José de Ribamar, com cujos edifícios se julgava terminar a panorâmica que veio do Largo de São Tiago.

O painel agora «descoberto» vem aumentar aquela vista com o trecho da margem cistagana, entre o Convento de Santa Catarina de Ribamar e uma ponte que se observa na banda da esquerda e que julgo ser a que ainda existe sobre o ribeiro que desce de Linda-a-Pastora junto à moderna estrada marginal, na Cruz Quebrada.

No alto da colina cujas abas desciam abruptamente sobre as rochas, vemos, à direita, o conjunto das edificações do Convento de Santa Catarina-a-Velha e do palácio que o 2.º Conde de Miranda, D. Diogo Lopes de Sousa, começou a edificar e que foi notavelmente ampliado por seu filho, D. Luís de Sousa — por antonomáxia *O Cardeal* — 19.º Arcebispo de Lisboa e Capelão-mor de D. Pedro II⁽¹⁹⁾. Foi também este magnífico prelado quem mandou reedificar o Convento de Santa Catarina na forma em que o vemos nos azulejos, e quando não bastassem os relatos monásticos⁽²⁰⁾, tínhamos a contraprova testemunhal dada por uma bela pedra brazonada encontrada entre as ruínas — infelizmente quebrada — mas cuja leitura heráldica é facilmente feita: escudo partido, na dextra os braços

⁽¹⁸⁾ A ponte sobre o ribeiro de Algés, junto à quinta dos Duques de Cadaval, estava «levantada sobre hum forte e grande arco». Na Grande Vista a ponte aparece com cinco arcos.

⁽¹⁹⁾ D. Luís de Sousa, nasceu em 1630, teve o Arcebispado em 1675, recebeu o barrete cardinalício em 1697 e faleceu na dignidade arquiépiscopal em 1702. (*Hist. Geneal. da Casa Real.*)

⁽²⁰⁾ Fr. António da Piedade, *Espelho de Penitentes e Chronica da Provincia da Arrabida*, tomo I, pp. 183 e segs. — Lisboa, 1728.

cruzados da Ordem de São Francisco, na sinistra, esbartelado de Sosas «de Arronches» (21).

A reedificação do velho cenóbio dos franciscanos Arrábidos resultou das muitas andanças que envolveram o convento fundando na Ermida de Santa Catarina por D. Isabel e que não será inútil recordar. No utilíssimo *Claustro Franciscano*, do olisipógrafo Fr. Apolinário da Conceição (Lisboa, 1740), resume-se a história do convento da seguinte forma:

«S. Catharina de Ribamar, distante da Cidade de Lisboa Occidental legoa e meya, sito em hum levantado monte sobre as margens do Rio Tejo, ao qual se deo principio no anno de 1551. na Ermida de Santa Catharina, cujo Convento habitado até o de 1618. como este se demolisse, e sua Cõmunidade se trasladasse para o da Boa Viagem, só lhe assinamos o de 1634. em que aos 18. dias do mez de Mayo se lançou a primeira pedra ao que existe, fundado para Convalescença, e ainda que no de 1639. se deo a dignidade de Guardiania ao Prelado, pouco depois tornou a ter só o titulo de Vigario em que permanecerão até o anno de 1657. gozando desde até o presente o de Guardiaens.»

Mais completa é, lògicamente, a *Chronica da Provincia da Arrábida*, de Fr. António da Piedade (pp. 183 e segs.), a qual nos conta como o Padroado do Convento foi passando de mão em mão e como nem sempre os Padroeiros cumpriram as suas obrigações fabriqueiras do que resultou a gradual ruína dos edifícios. Os frades, reconhecendo a inhabilitabilidade destes, procuraram sítio para novo convento chegando a tomar posse de um terreno no lugar de Laveira, deixado em testamento por D. Simoa, mas quando já tinham feito um hospício mandou El-Rei D. Filipe III o deixassem aos frades Cartuxos, como de facto o fizeram. A rogo dos moradores de Oeiras chegaram a pensar em ter ali o novo convento para o que tiveram que o disputar aos Franciscanos de Santo António de Cascais, os quais, por sua vez, ali estavam estabelecidos para evitar a vinda de frades Carmelitas. Enfim uma verdadeira luta de interesses espirituais cujo desfecho é um tanto obscuro já que todos à profia proclamam vitória...

O certo é que os Arrábidos de Santa Catarina também não ficaram em Oeiras mas aproveitaram as disposições testamentárias de um António

(21) Esta pedra brazonada via-a em Março de 1961 junto à porta de uma capela restaurada e que faria provavelmente parte dos edifícios do Convento ou do Palácio de Santa Catarina. Foi no Palácio de Santa Catarina que o Capelão-mor de D. Pedro II obsequiou a Rainha D. Maria Sofia com uma lauta merenda que, segundo o Cronista da Arrábida, importou em 3.000 cruzados. É muito provável que Sua Majestade e o Fidalgo Capelão tenham admirado a magnífica vista do estuário do Tejo precisamente desse local onde jaz, partida e esquecida, a testemunha muda dessa cena...

Faleiro de Abreu, falecido na Ilha de São Tomé, de quem a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa foi testamenteira, a qual, contrariando o desejo dos frades que queriam ficar em Oeiras, acabou por adquirir «a Leonel de Moura huma terra, que chamavão a Cano do Mouro, em pouca distancia deste Convento (de Santa Catarina) mais para a foz do mar»⁽²²⁾. Em 1617 transferiu-se a comunidade da antiga casa para um recolhimento com sua ermida, trasladando-se a Imagem de Santa Catarina que continuaria a dar a invocação ao novo convento que se ia edificando: Convento de Santa Catarina-a-Nova. Porque era grande o estado de ruína dos edifícios velhos, mandaram-se derribar os dormitórios e demais oficinas, com excepção da igreja, a qual, cessando de servir aos frades passaria novamente à freguesia de Santa Cruz do Castelo, da qual tinha sido desanexada em 1551.

Nova questão surgiu então com Manoel da Silva — herdeiro do padroado do convento — o qual conseguiu que os frades não abandonassem totalmente a antiga casa para o que ali foram construídas duas celas para outros tantos irmãos franciscanos. Novamente desleixou este padroeiro as suas obrigações para com a fundação de Santa Catarina-a-Velha e, assim, esteve outra vez para ser abandonado, não fossem as deligências e cuidados de D. Diogo Lopes de Sousa, 2.º Conde de Miranda e sobrinho por afinidade de Manuel da Silva, o qual tomou sobre si os encargos de padroeiro mandando logo fazer uma «Convalescença», comprando uns terrenos que entregou aos frades em troca de outro que estes tinham no alto do monte que dominava o convento e no qual «edificou humas casas para assistir com sua familia, quando lhes parecesse gozar das delicias daquelle retiro. Junto a ellas, para a banda do Norte, fundou a Igreja, em que lançou a primeira pedra, a 18 do mez de Mayo do anno de 1634»⁽²³⁾. Por pouco tempo gozou o Conde de Miranda as «delicias daquelle retiro», pois que chamado a Madrid por Filipe IV, em 1638, ali faleceu três anos depois.

A morte do deligente padroeiro e a restauração de legitimidade portuguesa atrazaram as obras, mas, assim mesmo, mantiveram os frades alguns trabalhos mais necessários até à vinda do novo padroeiro — D. Henrique de Sousa Tavares, 3.º Conde de Miranda e, mais tarde, 1.º Marquês de Arronches — o qual, apesar das ausências a que o obrigaram os cargos sucessivos de embaixador na Holanda, em Espanha e em Inglaterra, não deixou de cumprir as obrigações inerentes ao padroado. Foi no entanto

(22) Fr. António da Piedade, *op. cit.*, p. 186.

(23) Fr. António da Piedade, *op. cit.*, p. 187.

o seu irmão, o *Cardeal*, quem mais directamente interveio na reconstrução do convento conforme nos conta o Cronista da Província:

«Vendo seu irmão Luiz de Sousa, Arcebispo de Lisboa Capellão môr o muito que necessitava a Igreja de se reformar, prezando-se igualmente de liberal, que de amante nosso, como fiel interprete dos desejos do irmão, poz em execução o seu reparo, sem reparar no gasto, porque o regulava pelo gosto, com que a mandava fazer. O corpo da Igreja he o mesmo antigo, o que não se pode ampliar, por estar entre o Convento e o seu Palácio, que nos alicerces do que havia mandado fabricar seu pay, o eregio mais sumptuoso, e nelle se recreava algum breve tempo, que as suas grandes occupaçoens lho permittião.»

Com o falecimento do *Cardeal*, em 1702, retomou o Marquês de Arronches a sua actividade de padroeiro mandando acabar as obras ainda em curso, enihendo o convento de alfaias e de relíquias milogrosas que muito contriboiram para o seu renome.

Revendo o painel de azulejos julgo que a casa nobre do *Cardeal* fosse a que vemos à nossa esquerda, a poente da igreja, cuja fachada ficava recuada, isto é, pela banda do Norte. O templo era de magnífico prospecto, no gosto e estilo das construções «capuchas», com seu adro amplo, ao centro do qual se erguia o cruzeiro e de onde se deveria gozar esplêndida vista sobre o Tejo. De tudo isto, que resta? Apenas alguns muros de suporte, um ou outro cunhal de pedra lavrada, o sítio da pequena capela primitiva, e, como referi, uma pedra de armas caída e quebrada... No lugar do convento e do palácio está agora uma vivenda moderna, bonita e bem cuidada, e junto a esta, dando para o jardim, o que ficou de uma das fontes que foram notáveis pela leveza e frescura da água. Talvez esta seja uma das que Frei António da Piedade descreve:

«Por singularidade se avalia tambem... huma fonte, admirada de muytos pelo aceyo, e custoso da fabrica, e appetecida de todos pelo delicioso da agua, a qual por aqueductos se comunica a outra, que entre azulejos de admiravel brutesco serve aos devotos, quando se vão hospedar nas casas de romagem, de regalo e divertimento.» (24)

As fontes conservam outros azulejos — aliás muito restaurados — revestindo o recesso da bica. Não serão certamente estes os azulejos vistos por Frei António antes de 1728 — data da edição do *Espelho de Penitentes* — pois que denotam pelo tipo e estilo de pintura ser posteriores

(24) *Op. cit.*, p. 190.

a 1740: serão, talvez, parte de um lote feito por Bartolomeu Antunes para Santa Catarina de Ribamar e que ainda não estava pago quando este fez o testamento com que faleceu, em 1753⁽²⁵⁾.

No sopé do monte de Santa Catarina, junto às rochas marginais, vemos nitidamente um forte de planta trapezoidal, tendo no interior do reduto edificações e vegetação abundante. O Padre Carvalho, já citado, enumera neste extremo de Lisboa, os fortes de Nossa Senhora da Conceição, junto à confluência do rio de Algés com o Tejo, o de São Joseph, defronte o convento do mesmo nome, o de Santa Catarina e o da Boa Viagem. Sabendo que este último ficava a juzante do vale do Jamor, temos, por exclusão de partes que o forte dos azulejos é o de Santa Catarina. Aliás basta notar a sua posição relativamente ao convento para se aceitar a presunção, se bem que, na verdade topográfica, o forte ficasse mais próximo da ponte, para o oeste.

O Forte de Santa Catarina, também conhecido por Forte da Cruz Quebrada, ainda existe e precisamente na face que os azulejos apresentam. Sobre os paramentos de onde não desapareceram as ameias, eleva-se o conhecido prédio «acastelado» que foi mandado fazer pelo 3.º Barão de Sabroso — capitão do Exército e governador do forte da Cruz Quebrada — João Infante de La Cerda de Sousa Tavares Pizarro. Foi aqui que viveu o Dr. Bernardino Machado, Presidente da República, permanecendo a propriedade na família.

Daqui em diante a interpretação do painel de azulejos apresenta sérios problemas. Na verdade, vê-se entre o Convento de Santa Catarina e a ponte da extrema esquerda, um grupo de edifícios enquadrados por arvoredo e que pela configuração parecem pertencer a algum convento.

Por outro lado o forte de Santa Catarina que na realidade está quase junto à ponte da Cruz Quebrada, aparece nos azulejos sensivelmente longe dela, ficando entre ambos os tais edifícios com longa escadaria que nasce encostada às guardas da mesma ponte.

Foram baldados todos os esforços para encontrar restos de outro edifício religioso — ou mesmo civil — entre o Convento de Santa Catarina e as margens do Jamor que podesse responder, pela época ou configuração, àquela que nos mostram os azulejos, e, no entanto, tal edifício não foi, certamente, inventado pelo pintor, tão cuidadoso e minucioso

⁽²⁵⁾ Vergílio Correia, «Oleiros e Pintores de Louça e Azulejo, de Lisboa (Olarias e Anjos)», in *Atlântida*, II, vol. VIII, pp. 358 e segs. — 1918.

na implantação e retrato dos acidentes. Sendo assim, como explicar esta aparente anomalia?

Segundo os textos citados, sabemos que os Arrábidos de Santa Catarina ocuparam o terreno do *Cano do Mouro* onde edificaram o Convento Novo, também da invocação de Santa Catarina — Santa Catarina-a-Nova — e que este era «mais abaixo» do Convento Velho (*Corografia Portuguesa*), «pouco distante» (*Claustro Franciscano*) ou «em pouca distancia... mais para a foz do mar» (*Espelho de Penitentes*). Estas palavras levam a pensar que a nova casa conventual ficaria perto do convento abandonado, e, daí, poder ser localizado entre este e a foz do Jamor, ou seja, sensivelmente onde os azulejos mostram o tal grupo de edificações. Porém, sabemos pelos mesmos textos que, logo que o Convento de Santa Catarina-a-Velha foi reconstruído, para lá voltaram os frades, e com eles, a imagem do orago, passando o Convento Novo a ter a invocação de Nossa Senhora da Boa Viagem, pela qual ficou a ser conhecido. Ora a verdade é que o Convento da Boa Viagem, cujas ruínas chegaram aos nossos dias — tendo desaparecido os vestígios mais importantes quando se construiu a Estrada Marginal Lisboa-Cascais e o Estádio Nacional — era tido como localizado na margem direita do Jamor, no sítio ainda hoje conhecido pela Boa Viagem em cujo alto se conservou, por memória, uma pequena ermida. Era aqui, também, que estava o Forte da Boa Viagem, e em todas as cartas antigas onde se traça a barra do Tejo, lá aparece assinalado tanto este forte como um edifício com uma cruz — indicativo de igreja, ermida ou convento.

A não ser que o pintor dos azulejos tivesse tomado exageradas liberdades com a topografia — o que não parece ser o caso se considerarmos toda a restante panorâmica — os edifícios que se vêem no painel a cavaleiro da ponte e a esta ligados por escadório, não podem ser os do Convento da Boa Viagem, que ficavam mais a poente, do outro lado da ponte.

No local onde nos parece terem estado os edifícios retratados ergue-se há muitos anos uma vivenda — a Quinta da Bela Vista — edificada sobre casa antiga é certo, mas de que a tradição não guardou notícia de ter sido convento. Houve ali uma capela de Nosso Senhor dos Aflitos, imagem muito devota e onde concorriam romeiros: seria esta capela a que o pintor dos azulejos quis representar? Não me parece que a relativa sumptuosidade e volume dos edifícios possa ter sido de uma ermida devocional...

Dar-se-ia o caso de, já antes da transferência da invocação de Santa Catarina para o Convento Velho, ou seja quando o Convento Novo passou

a chamar-se de Nossa Senhora da Boa Viagem, existir alguma capela no «sítio» da Boa Viagem e terem os frades aproveitado esta invocação para o convento de baixo?

Eis um pequeno problema que poderá interessar os historiógrafos de Lisboa ou daquelas bandas arrabaldinas...

A ponte, essa, é que parece não ser outra diversa da que ainda ali se encontra, ou seja aquela a que se refere tão copiosamente o Cronista da Arrábida e que ficava sobre o rio que vinha de «Linhapastor». Porque se trata de um valioso testemunho para a história de Lisboa, e porque a sua leitura é tão agradável como pitoresca, não resisto ao desejo de reproduzir as palavras Frei António da Piedade. Escreve o Cronista, tratando da vida do Venerável Frei Rodrigo de Deus, religioso que foi do Convento de Santa Catarina:

«Padeção grande trabalho todas as pessoas que das partes de Cascaes, Oeiras e outros lugares vinhão à Cidade de Lisboa, por causa dos rios de Laveiras, Linhalpastor e Algès, que vão desaguar na anceada de S. Joseph. Ordinariamente, ou quando vinhão ou quando se recolhião para suas casas, os achavaõ crescidos, por causa da marè que enchia; e querendo vadeallos, se viaõ muitas vezes em evidente perigo de se affogarem e algumas pessoas padeciaõ esta desgraça. Não era tambem pequena a que experimentavaõ outras em suas almas, offendendo a Deos gravemente. Havia alguns homens deputados nas margens daquelles rios, para passarem às costas assim a homens, como a mulheres, que não levavaõ cavalgaduras; e como faltasse às vezes o dia com a sua claridade, aproveitava-se o Inferno das obscuras sombras da noite, para se augmentar no lucro dos seus malévolos contratos.

Condoído o Servo de Deos de tanta miseria e parecendo-lhe que era ignorada de quem a podia remediar, determinou representarlha, para que a todo o custo se obviassem tão grandes fatalidades. Pessoalmente foy hum dia ao Senado da Camera, em que era presidente D. João de Castro; e na sua presença, e de todos os mais Senadores expoz todos os referidos discommodos; e com palavras que lhe dictava o seu caritativo zelo os persuadio a que mandassem fabricar pontes, e calçadas, para que estivessem as passagens seguras de todo o perigo, e os caminhos fossem menos molestos no tempo do Inverno. Difficultaraõ a empreza, attendendo ao grande dispendio que o Senado havia de fazer; mas como as razoens que lhes dava fossem efficazes para lhes attrahir as vontades, se resolverão a pôr em execução a proposta, mas com a condição de que havia de correr toda a obra por conta do seu zelo. Deraõ neste arbitrio fiado em que assim como mostrava tanto desvelo em requerer pelo remido dos proximos, não seria menos zeloso em cuidar que o dinheiro que se houvesse de gastar fosse bem merecido e com fidelidade dispendido. Aceitou a commissão no que pertencia à direcção das obras, e vigilante assistencia dos officiaes, escolhendo por companheiro, com licença dos Prelados, a Fr. Manoel das Chagas, pela muita capacidade que lhe conhecia para este ministerio.

Logo fez conduzir todos os materiaes necessarios e distribuhio os officiaes por varias partes para que tendo a emulação a mayor parte na superintendencia,

se concluísse a obra com brevidade e perfeição. Principiou pelo Lugar de Pedrouços, e defronte delle mandou fazer huma pequena ponte, para resguardo das lamas do Inverno. Compreheo as margens do rio de Algès, junto à Quinta que hoje possui o Duque de Cadaval Nuno Alvares Pereira, com outra ponte levantada sobre hum forte e grande arco, em que de huma e outra parte se entra por calçada, que tambem mandou fazer. Antes de chegar ao Convento de S. Joseph os que vem de Lisboa em distancia de dous tiros de mosquete, mandou levantar huma cruz de marmore, bornida com todo o primor, e de hum e outro lado duas calçadas, huma que se termina no Convento e a outra que se dilata por Barquerena Caspolima e outras partes, que terá mais de meya legoa de comprimento. Ao pé do monte de Santa Catharina, para facilitar a quebrada de huma passagem, ordenou se fizesse huma pequena ponte; e mais adinte collocou outra Cruz como a primeira, e junto a ella principiou huma ponte fermosa de trez arcos, em cuja fortaleza achassem os tempos, e as aguas mayor resistencia. Na fabrica desta ponte mostrou mais apurado o seu desvelo, por ser esta a passagem que mais o havia provocado às lamentaçoes que fazia e que o obrigaraõ a aceitar aquella incumbencia. Seguindo as margens do rio até o Lugar de Linhalpastor, nelle mandou tambem fazer outra ponte de trez arcos, e junto a ella outra Cruz, como as duas mencionadas, e ao pé de todas fez gravar hum letreiro em que declara que a Cidade de Lisboa mandava fazer aquellas obras no anno de 1608. Em todas se dispenderaõ vinte e quatro mil cruzados; e senaõ fora a cuidadosa assistência deste Servo de Deus e de seu Companheiro, se gastariaõ muitos mais, cujas confissoens faziaõ os mesmos Senadores.» (26)

A «fermosa ponte de tres arcos» é a dos azulejos, e, corroborando os dizeres do autor franciscano, ainda ostenta a inscrição comemorativa onde se lê:

A SIDADE MAND
OV FAZER ESTA
PONTE E AS MAIS
OBRAS A CVSTA DO
REAL DO POVO
NO ANO DE 1608

e para que não haja dúvidas sobre que «sidade» seria, lá está também, do outro lado, a «Nau dos Corvos», marca de Lisboa (27).

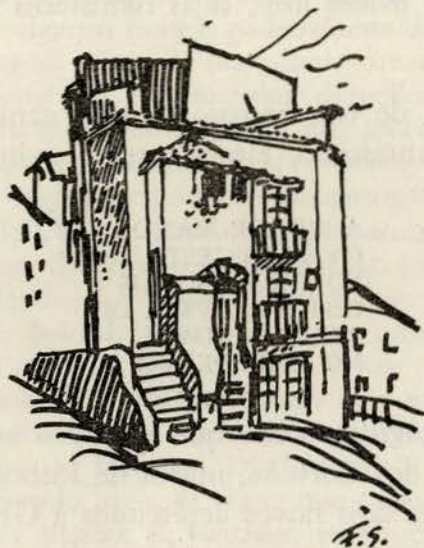
Não permitem estes dois novos acréscimos à Grande Vista de Lisboa tirar qualquer nova lição sobre a cronologia dos painéis que foram dos Condes de Tentúgal. Mestre Vieira da Silva, apoiando-se nas suas dedu-

(26) Fr. António a Piedade, *op. cit.*, p. 965.

(27) Pinho Leal, no *Portugal Antigo e Moderno* (s. v. *Cruz Quebrada*) resume a história que certamente conhecia da *Chronica da Provincia da Arrabida*, mas escreve que foram feitas em 1618 as pontes da Cruz Quebrada Algès e Caxias, confundindo esta última com a que ficava sobre o Jamor, a montante da Cruz Quebrada e que foi inútilmente sacrificada quando das obras do Estádio. Dela ficou a Cruz a que Fr. António da Piedade se refere.

ções históricas, coloca a Grande Vista em cerca de 1730, sem precisar o ano. Pela minha parte e firmando-me na análise tipológica e técnica, julgo dever recuar de uma meia dúzia de anos a atribuição proposta por Vieira da Silva, ou seja colocar a feitura dos azulejos em ano mais próximo de 1725.

Dentro em pouco estará a Grande Vista de Lisboa na sua nova instalação, integrada como jóia principal no Museu do Azulejo, dependência do Museu Nacional de Arte Antiga, no antigo Mosteiro de Madre de Deus. Ali vai ela ser acompanhada destes dois acréscimos e poderá ser estudada em todos os numerosos e riquíssimos pormenores, tantos e tão preciosos que chegam para ocupar as atenções de quantos a queiram interrogar.



O ÓRGÃO DE *S. VICENTE DE FORA*

por L. A. ESTEVES PEREIRA

O Mosteiro

O mosteiro de S. Vicente de Fora é um dos mais antigos templos de Lisboa sòmente ultrapassado pela Sé cuja fundação parece ser anterior ao domínio árabe na Península.

O primitivo mosteiro foi fundado por D. Afonso Henriques vinte e sete dias após a conquista de Lisboa aos Moiros que se verificou em 21 de Outubro de 1147. Tem, portanto, o dito mosteiro mais de 900 anos de existência. Nessa altura, D. Afonso Henriques, rodeado de todos os seus nobres cavaleiros e prelados que o acompanharam na rude tarefa de libertar a bela Lissabona do jugo árabe, abriu os alicerces e colocou a primeira pedra do edifício do mosteiro, no mesmo local onde tinha feito assentar os arraiais das suas tropas e onde já havia uma pequena capela e enfermaria para recolher os primeiros feridos. O novo templo foi solenemente consagrado à Virgem Maria e ao Mártir S. Vicente cujos restos mortais tinham sido descobertos num cabo ao sul do reino de Al-Gahr, cabo esse que mais tarde ficou sendo o Cabo de S. Vicente.

Como o mosteiro foi começado a edificar em local que ficava fora do recinto da muralha da Lisboa de então, ficou sendo conhecido como de S. Vicente de Fora, nome que ainda hoje conserva. D. Afonso Henriques fez então entrega do mosteiro aos frades da Ordem de Santo Agostinho que lá se conservaram até ao século XVIII, época em que

D. José I fez transferir os Agostinhos para o Convento de Mafra. O Mosteiro de S. Vicente de Fora durou cerca de 400 anos. No fim de 1580, à data em que a coroa de Portugal foi cingida pelo rei espanhol Filipe II, o convento estava em péssimo estado de conservação e algumas paredes ameaçavam ruína.

Filipe II de Espanha (e 1.º de Portugal) desejoso de agradar ao povo de Lisboa que, evidentemente, não via com bons olhos um soberano estrangeiro, resolveu reedificar o Mosteiro de S. Vicente com a grandeza que o seu orgulho pessoal exigia. Chamou o architecto Filipe Terzo ou Tércio e ordenou-lhe que edificasse um novo mosteiro com largueza e pompa. Procedeu-se, sem demora, à demolição do velho edifício afonsino e nos caboucos foi encontrada uma lage com a seguinte inscrição latina:

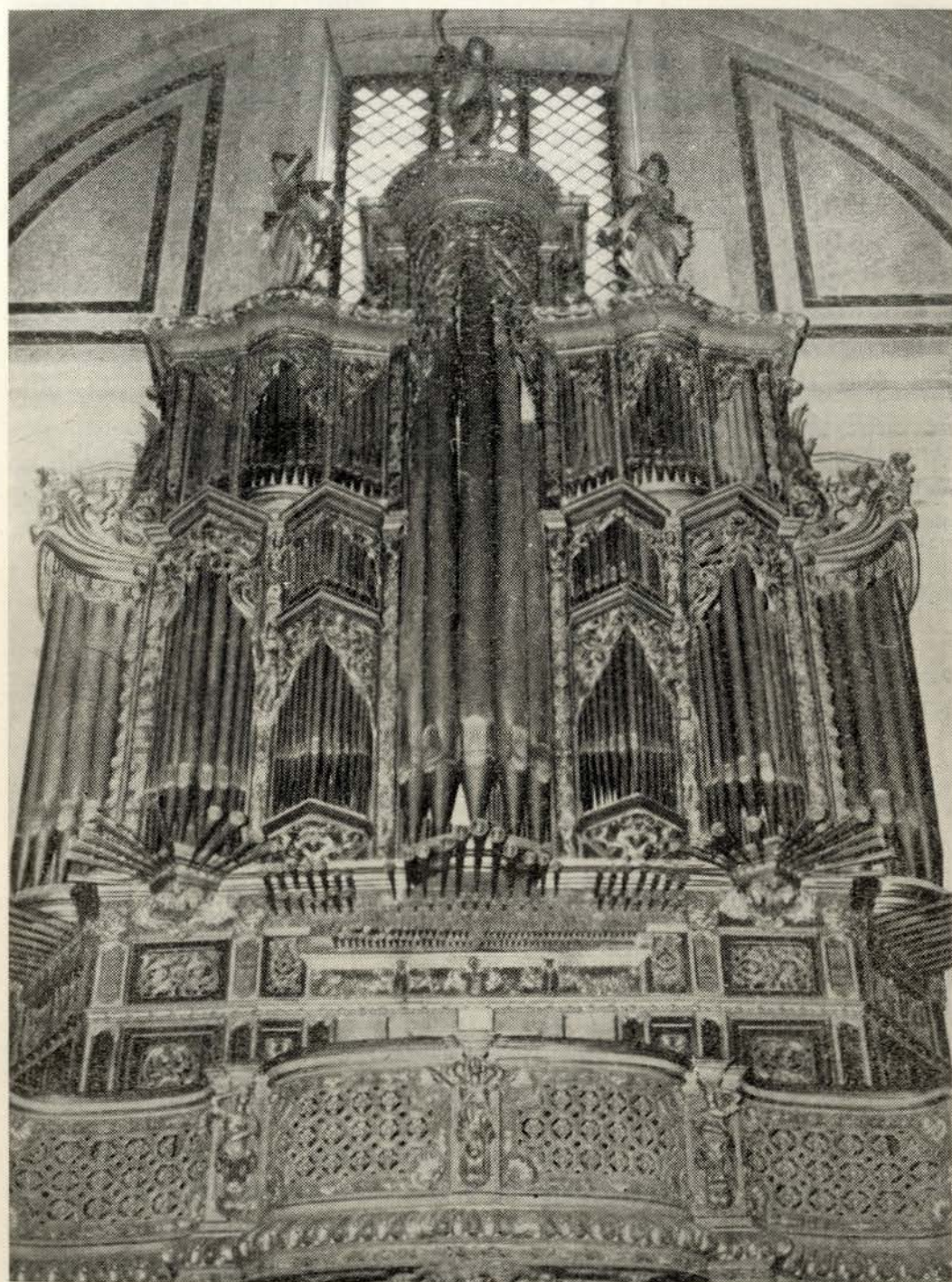
HOC TEMPLUM AEDIFICATIV REX PORTUGALIAE ALPHONSUS I
IN HONOREM BEATAE MARIAE VIRGINIS ET SANCTI VICENTI
MARTYRIS XI CALEND DECEMBRIS SUB ERA MCXXXV (¹)

O novo templo foi projectado em estilo do Renascimento, com larga influência da escola italiana e nele foi usada a pedra e cantarias provenientes da demolição de uma igreja que D. Sebastião tinha feito iniciar nos terrenos do actual Terreiro do Paço e que ficara incompleta depois da derrota de Alcácer-Quibir.

Filipe de Espanha deslocou-se propositadamente a Lisboa para lançar a primeira pedra do novo Mosteiro, em 25 de Agosto de 1582. As obras duraram até 1629, ou seja, cerca de 47 anos. No entanto, metade da Igreja estava concluída em 1605, data em que se sagrou aquela parte do templo, separada da parte em obras por uma parede provisória que foi depois demolida. A Capela-Mor foi terminada em Agosto de 1629 sendo solenemente inaugurada em 28 do mesmo mês e ano, dia de Santo Agostinho, patrono da Ordem dos frades que ocupavam o Mosteiro.

O terramoto de 1755 infligiu consideráveis estragos no templo, fazendo aluir completamente a cúpula e parte da fachada, especialmente balaustres, etc. No entanto a parte da Capela-Mor e anexos,

(¹) A diferença de datas entre a inscrição e a data acima indicada deve ser devida à diferença entre o calendário Juliano (em uso na época de D. Afonso) e o calendário Gregoriano actualmente em vigor.



Órgão de S. Vicente de Fora — A fachada

foram mais ou menos poupados pois não se encontra citação especial a estragos verificados nessa parte do templo.

O altar-mor é coberto por um elegante baldaquino todo executado em madeira, datando das obras de reparação do templo, após o terramoto. O projecto do baldaquino é de Joaquim Machado de Castro e está adornado com belas estátuas da autoria dos seus discípulos Manuel Vieira, Alexandre Gomes e António dos Santos.

No fundo do altar-mor encontra-se o coro, aliás bastante estreito uma vez que não se destinava senão a alojar o órgão que deu origem a este artigo. O coro dos frades tomava lugar ao nível da Igreja nos cadeirais existentes por detrás do baldaquino que cobre o altar-mor. Em face deste arranjo, não parece que tivesse, alguma vez, sido encarada a hipótese de utilizar orquestra no acompanhamento dos coros fradescos. Era portanto, somente o grande órgão destinado ao acompanhamento dos coros litúrgicos e a abrilhantar, a solo, as cerimónias religiosas.

Passemos, agora, a examinar o maravilhoso instrumento que as nossas fotografias representam.

O Órgão

História

O órgão do mosteiro de S. Vicente é hoje um dos mais importantes e valiosos instrumentos antigos, existentes em Lisboa.

Ao contrário de muitos outros instrumentos da sua época, não se encontra indicado o nome do seu autor, nem a data da sua construção.

O seu estilo de decoração sugere imediatamente a segunda metade do século XVIII para a sua construção. No entanto o problema encontra-se por resolver, dado que não se possuem elementos escritos sobre o assunto, uma vez que os arquivos do mosteiro se perderam durante convulsões políticas que o País sofreu e também durante as guerras napoleónicas.

Várias hipóteses se podem pôr quanto à época da sua construção e hipotético construtor.

Aventou-se a hipótese do seu autor ser o conhecido organeiro António Xavier Machado e Cerveira, uma vez que tendo sido Machado de Castro encarregado das reparações da igreja, após o terramoto de 1755 e construção do baldaquino do altar-mor, seria natural que encar-

regasse o seu irmão organeiro (Machado e Cerveira era irmão do architecto Machado de Castro) da construção do órgão, quer este fosse para substituir outro instrumento destruído pelo terramoto, quer por nunca ter existido qualquer outro órgão, anteriormente. A ser correcta esta hipótese, teríamos que a construção do órgão teria sido executada após 1755, de preferência durante as duas últimas décadas do século XVIII.

No entanto, contra esta teoria, há que apresentar os seguintes argumentos:

- Não se encontra menção escrita de que o órgão tenha sido danificado pelo terramoto, apenas havendo referências à queda da cúpula e danos na fachada, sendo de concluir que a parte do altar-mor tenha sido poupada.
- O órgão apresenta alguns registos que, até prova em contrário, não eram normalmente usados por Machado e Cerveira, tais como os jogos de palheta Sacabucha e Boe.
- Mais importante ainda, é o facto deste órgão possuir em ambos os teclados a chamada oitava curta (à qual faltam as quatro teclas pretas) prática essa anterior a Machado e Cerveira e que este autor nunca usou em órgãos da sua autoria, pelo menos que seja do nosso conhecimento.
- Se atendermos à parte construtiva da caixa e aos factos acima, não nos repugna pôr a hipótese de que o órgão é de época anterior a Machado e Cerveira, talvez do segundo quartel do século XVII, do reinado de D. João V. Este facto explicaria a grandiosidade do instrumento que se coaduna com a ostentação de riqueza, peculiar àquele Rei.

Seja quem for o seu autor e a época de construção, parece, no entanto, incontestável que o autor foi um organeiro português, uma vez que, durante os trabalhos de restauro executados em 1957, todas as indicações de montagem que se encontraram no interior do órgão estavam escritas em português. E pena é que não saibamos o nome desse organeiro que, se outras obras não tivesse deixado, bastaria o

órgão de S. Vicente para o tornar credor da sua admiração como grande artista e competentíssimo construtor.

A quando dos trabalhos de restauro que citamos acima, verificou-se que o órgão estava relativamente bem conservado. Faltava meia dúzia de tubos dos mais pequenos e os registos de palhetas estavam grandemente desafinados e impossibilitados de serem usados, sendo, no entanto, a principal avaria a quase total ruína dos foles que tiveram de ser substituídos, como veremos mais adiante.

Reza a tradição popular na freguesia que a última vez que o órgão tinha tocado, tinha sido durante as festas do centenário de Santo António em 1895.

Parece que por essa altura o órgão foi afinado mas que o afinador encontrou grandes dificuldades na afinação dos jogos de palhetas e que se limitou a deixá-los fora de uso.

A relativa boa conservação do órgão deve-se especialmente a um dos falecidos priores que pastoreou a freguesia quase durante meio século e que manteve interdito o acesso ao coro, fosse a quem fosse, intransigência essa que poupou o órgão às delapidações que é habitual verificarem-se noutros instrumentos instalados em igrejas menos vigiadas. Graças portanto a esse teimoso sacerdote, podemos apreciar hoje o instrumento tal como era há data da sua construção.

Finalmente, em 1957, foi decidido pelo D. G. E. M. N. mandar executar o restauro do órgão, para o que foram chamados os organeiros João Sampaio e Filhos, Lda. actualmente os únicos técnicos da especialidade a quem, em Portugal, se pode entregar o restauro dum órgão com a certeza de que a qualidade e construção primitiva serão escrupulosamente mantidas.

A fachada

Conforme dissemos atrás, o órgão está instalado numa galeria que ocupa o fundo da Igreja, por detrás do altar-mor.

Esta galeria assenta sobre três consolas, sendo duas laterais mais pequenas e uma central, maior e suportada por três figuras de mulher.

Toda a fachada é decorada com rica talha de madeira dourada com as superfícies das várias almofadas pintadas de verde com filetes dourados, ao gosto da época. As duas fotografias que publicamos dão



Órgão de S. Vicente de Fora — A consola

uma ideia do conjunto que, quando devidamente iluminado, é realmente grandioso. Ao alto, três figuras femininas servem de rematê à fachada.

A disposição dos tubos na fachada, inclui:

— Um torreão central semi-circular com cinco tubos do Contra de 24 palmos. Nas extremidades, de cada lado, um torreão semi-circular com sete tubos cada, do Contra de 24 palmos. O resto da fachada é constituído pelos tubos do flautado de 12 palmos, tendo na parte inferior, e de cada lado, uma torreta triangular com 9 tubos, uma torreta, também triangular, e mais pequena, com 17 tubos, sobre a qual existe uma outra, triangular, com 15 tubos. O andar superior da fachada apresenta um conjunto de tubos falsos constituído por um plano de cinco tubos de cada lado duma torreta convexa de 10 tubos, isto de cada lado do torreão central dos tubos de 24 palmos.

Na parte da fachada logo por baixo do pé dos tubos verticais, estão montados os tubos de palheta horizontais, com a seguinte disposição:

Nas fachadas laterais — catorze tubos de cada lado, em duas filas.

Na fachada principal — dois leques de dez tubos, cada.

Um grupo central, paralelo, de onze tubos grandes e onze pequenos.

Dois grupos intermédios de 14 tubos cada um.

Sobre a consola, duas filas de tubos semi-tapados com um total de noventa e quatro tubos.

Ao todo, estão visíveis, cento e quarenta e um tubos verticais e cento e noventa e dois tubos horizontais, num total de trezentos e trinta e três tubos.

Consola

Como todos os órgãos portugueses daquela época, a consola é muito simples. Possui sòmente dois teclados, cada um com quarenta e sete teclas, sendo as teclas brancas cobertas a marfim e as pretas em ébano com embutidos de pau rosa.

De cada lado da consola alinham-se as filas de registos sendo os da esquerda para as metades inferiores dos dois teclados e as da direita para as metades superiores dos dois teclados.

Existem dois pedais de madeira, que fazem soar três tubos do tambor para cada pedal e um estribo que permite controlar a abertura da caixa de eco e portanto graduar a respectiva intensidade sonora. Os registos do lado esquerdo são um total de 29 e os do lado direito um total de 30 registos.

Conforme dissemos atrás, ambos os teclados apresentam, na parte mais grave, a chamada «oitava curta», ou seja, à primeira oitava foram suprimidas as notas dó, ré, fá e sol sustentidos, prática esta que foi abandonada pouco depois.

Mecânica

Quando, em 1957 se deu início aos trabalhos de restauro verificou-se que a mecânica estava em relativamente bom estado assim como as condutas do ar. Sòmente os foles estavam completamente inutilizados pela acção do tempo, da água das chuvas que se infiltrava pelo tecto da casa dos foles e outras causas de destruição (?). Assim, houve a necessidade de construir novos foles para os quais se adoptou o modelo paralelo, com três bombas e manivelas para enchimento manual. No entanto, a alimentação do depósito é feita normalmente por um ventilador eléctrico, com motor de 3/4 HP.

Os foles primitivos, que eram dois, eram do modelo de cunha.

Do fole, o ar é conduzido por uma conduta de madeira que segue sob o pavimento da galeria não sendo, portanto, visível senão junto à escada de acesso à casa do fole onde se encontra um pequeno fole regulador de pressão.

A pressão de ar é, portanto, igual para todo o órgão por não haver outros depósitos e é de cerca de 70 mm de coluna de água.

Conforme era prática comum à época, o órgão possui um secreto para cada teclado e mais um, de reduzida dimensão, destinado aos tubos que se encontram encerrados na caixa do eco.

O secreto do teclado inferior encontra-se quase ao nível do pavimento e o secreto do órgão principal mais ou menos ao nível do pé dos tubos grande da fachada.

(?) Durante uma visita que fizemos, recentemente, verificou-se que existem novas infiltrações que estão danificando os novos foles, uma vez mais.

A mecânica dos teclados e também dos registros é leve e fácil mas algo ruidosa, características, aliás, comuns aos instrumentos da época, devido principalmente, a primeira à baixa pressão a que estão submetidas as válvulas e a segunda ao sistema de transmissão do movimento.

ESPECIFICAÇÃO

Dois teclados — Teclado superior — Órgão principal
Teclado inferior — Órgão do eco
Teclados divididos — metade esquerda (dó₁ a dó₃)
metade direita (dó #₃ a ré₅)

ÓRGÃO PRINCIPAL

Registos da mão esquerda Registos da mão direita

Fundos

1 - Contra de 24
6 - Flautado de 12 tapado
5 - Flautado de 6 tapado
18 - Flautado de 12
8 - Flautado de 24
17 - Oitava Real
4 - Quinzena

Fundos

16 - Flauta travessa
5 - Flauta doce
18 - Flautado de 12
8 - Flautado de 24
17 - Oitava magna
15 - Oitava real 2 filas
8 - Vox humana (com 18 - Flautado de 12)

Cheios

7 - Clarão 6 filas
15 - Quinta Real
13 - Mistura imperial 5 filas
14 - Requinta 2 filas
3 - Vintedozena 2-3 filas
22 - Subcímbara 4 filas
12 - Címbara 4 filas

Cheios

7 - Corneta real 8 filas
4 - Quinta de 12 2 filas
13 - Mistura imperial 6 filas
14 - Decimaquinta 4 filas
3 - Clarãoocilho 7 filas
2 - Subcímbara 4 filas
12 - Címbara 4 filas

Palhetas

16 - Trombeta real
9 - Baixãoocilho
19 - Trompa de Batalha
10 - Chirimia
20 - Dulçaina

Palhetas

1 - Trombeta real
9 - Clarim
19 - Trombeta marinha
10 - Dulçaina
20 - Boe

ÓRGÃO DO ECO

Registos da mão esquerda Registos da mão direita

Fundos

- 22 - Flautado violão
- 24 - Flautado de 6 tapado
- 27 - Flautado de 12
- 30 - Quinzena 1-2 filas

Cheios

- 23 - Nazardo 3 filas
- 29 - Dezanovena 1-2 filas
- 28 - Vintedozena 2 filas
- 26 - Tolosana 3 filas
- 25 - Cheio claro 5 filas

Palhetas

- 21 - Sacabucha

Fundos

- 21 - Flautado de 12 (eco)
- 23 - Flautado de 12 tapado
- 22 - Flauta napolitana
- 30 - Flauta de 6
- 28 - Pífaru 2 filas
- 29 - Oitava 2 filas

Cheios

- 11 - Corneta 6 filas (eco)
- 27 - Vintedozena 3 filas
- 25 - Cornetilha 3 filas
- 24 - Cheio claro 5 filas

Palhetas

- 26 - Clarim (eco)

Tambor — Constituído por 6 tubos sendo 4 de madeira e 2 de metal, funcionando por meio de dois pedais.

Número total de tubos — 3.115 tubos.

Todos os tubos são de metal de prova, da melhor qualidade e as palhetas apresentavam-se praticamente intactas. Em nenhum dos tubos labiais foram encontradas almas denteadas o que não impede que todos eles apresentem uma resposta pronta e clara, apesar da baixa pressão a que estão submetidos. Este facto vem acentuar a competência do seu autor que não teve que recorrer ao artifício de dentear a alma dos tubos como faziam e fazem ainda hoje a grande maioria dos organeiros.

Ao contrário do que a maior parte dos organeiros do resto da Europa talvez já fizesse nesse tempo e que se tornou depois prática comum, o registo «Vox Humana» não é, em S. Vicente, um jogo de palheta. Trata-se de um segundo jogo de flautado de 12 palmos que soando em conjunto com o registo n.º 18 — Flautado de 12 palmos, dá o «vibrato» próprio da voz humana cultivada, por deslocamento, à

distância de alguns ciclos por segundo, da verdadeira nota que se pretende.

Os jogos de flautado apresentam uma tonalidade forte e decisiva que dão ao instrumento uma grandeza notável. O coro dos flautados, quando completado pela Corneta Real de 8 filas, adicionado da Címbala de 4 filas forma um «pleno» que raras vezes nos é dado apreciar.

Um «tutti» de extraordinário efeito pode ainda resultar da adição da Trombeta Marinha, colocada em posição horizontal na fachada do órgão.

O segundo teclado, denominado «órgão de eco» também poderia ser denominado, à maneira germânica, «Positivo», dado que os jogos respectivos se encontram junto da consola e grande parte do som sai por aberturas com adufas, à velha moda hispano-árabe, de cada lado da consola. Para o organista, o som dos jogos do eco, por mais próximo, parece mais intenso, mas quando ouvido na nave da igreja o contraste com o som do órgão principal é realmente marcado e de grande efeito de contraste.

Os diversos cheios usados neste órgão são de grande variedade e em grande número, totalizando 23 meios-registos. Alguns dos jogos, em virtude da sua extensão, possuem repetições, seja nos extremos, seja nos harmónicos intermédios. A título de curiosidade, damos a seguir, a composição de somente alguns dos cheios, para não alongar esta descrição:

Registo n.º 7 — Corneta Real — 8 filas — 1 aberto, 1 tapado, 8.^a, 12.^a, 15.^a, 17.^a, 19.^a e 19.^a.

Registo n.º 13 — Mistura Imperial — 5 filas — 8.^a, 8.^a, 12.^a, 15.^a e 19.^a.

Registo n.º 3 — Clarãoocilho — 7 filas — 8.^a, 12.^a, 15.^a, 15.^a, 19.^a, 19.^a e 22.^a.

Registo n.º 12 — Címbala — 4 filas — 22.^a, 22.^a, 29.^a e 29.^a.

Conforme se pode ver pela especificação, os cheios do órgão principal são correspondentes nas duas metades do teclado e são complementos de um jogo básico de 12 palmos.

No órgão do eco é de assinalar o Cheio-Claro, de 5 filas que conforme o seu nome indica, parece abrir uma janela através da qual passa livre e claramente todo o som dos jogos de flautado aos quais aquele cheio é adicionado. O seu efeito é tão marcado e diferente dos outros cheios que o autor, ao experimentar os diversos registos do órgão e tendo adicionado inadvertidamente o cheio em questão a um

coro de tubos tapados (Flautado de 12 tapado e flautado de 6 aberto), imediatamente notou a «claridade» daquele cheio, mesmo antes de ter lido a etiqueta colocada junto do registo.

Eis a composição de alguns cheios do órgão do eco:

Registo n.º 26 — Tolosana — 3 filas — 22.^a, 26.^a e 26.^a.

Registo n.º 11 — Corneta — 6 filas — 8.^a, 12.^a, 15.^a, 17.^a, 19.^a e 22.^a.

Registos n.ºs 25 e 24 — Cheios claros — 15.^a, 15.^a, 19.^a, 22.^a e 22.^a (mão esquerda); 22.^a, 26.^a, 29.^a, 33.^a e 36.^a (mão direita).

O «grande coro» do órgão de S. Vicente, usando a tradução literal do termo francês, é prejudicado pelo facto de que, ao fazer soar acordes de muitas notas, os tubos maiores não recebem ar suficiente, especialmente devido ao comprimento da conduta que do fole trás o ar para o órgão e também à falta dum fole compensador de pressão que seria desejável que existisse junto ou no próprio secreto do órgão principal.

Os jogos de palheta são deveras notáveis e, até à data, os únicos que tivemos a dita de ouvir na íntegra e realmente com uma sonoridade e justeza de som que fazem honra ao organeiro que os construiu e ao técnico que os afinou. Os jogos de palheta que se encontram no interior do órgão e portanto em posição vertical são os seguintes:

Registo n.º 16 — Trombeta real — 12 palmos.

Registo n.º 21 — Sacabucha — 12 palmos.

Registo n.º 1 — Trombeta real — 12 palmos (continuação do n.º 16).

Registo n.º 26 — Clarim — 6 palmos (encerrado na caixa do eco).

Os jogos de palheta que se encontram montados na fachada do órgão, em posição horizontal, são os seguintes:

Registos n.º 9 — Baixãoocilho e Clarim — 6 palmos.

Registos n.º 19 — Trompa de Batalha e Trombeta Marinha — 12 palmos.

Registos n.º 10 — Chirimia e Dulçaína — 6 palmos.

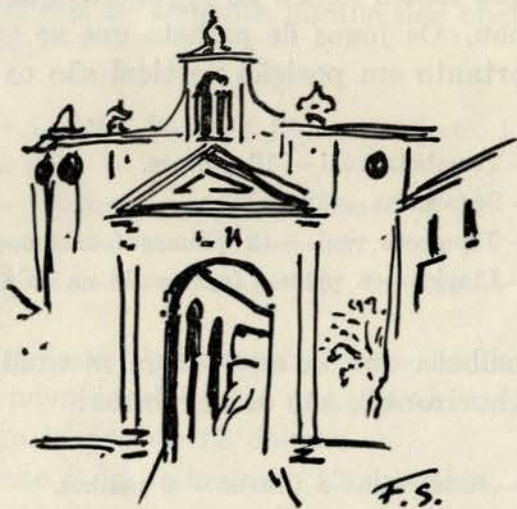
Os tubos pertencentes a estes dois últimos registos são semi-tapados, isto é, a boca do tubo de ressonância possui um opérculo

com um orifício no centro, com excepção da Dulçaína de 6 palmos que é aberta.

A factura destes jogos de palhetas é deveras notável e a variedade de timbres e efeitos que deles se podem tirar, quer a solo, quer em conjunto com outros jogos de tubos labiais, tornam as palhetas de S. Vicente uma das reais jóias da técnica organística portuguesa.

Vinde e admirai a catedral de som em que este instrumento se transforma quando tocado por mãos peritas dum organista que realmente conheça e saiba explorar a fundo as extraordinárias possibilidades do órgão que lhe foi confiado. Podereis assim render preito de homenagem, como o autor o faz, a três homens que tão distanciados no tempo vos permitiram tão raro deleite auditivo e espiritual nesta nossa terra — ao desconhecido organeiro que o construiu, ao bondoso e intransigente sacerdote que durante décadas manteve apertada vigilância sobre o instrumento e finalmente ao técnico que fez reviver, na íntegra, o grandioso instrumento de que Lisboa se deve orgulhar.

Março 1961.



CINCO-RÉISINHOS
PARA O
SANTO ANTÓNIO

por ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

SEGUNDO reza a tradição, o local onde hoje vemos a Igreja de Santo António da Sé corresponde, em parte, àquele em que assentou a casa onde, em 15 de Agosto de 1195, veio ao mundo Fernando Martins de Bulhões. Ali existiu uma simples ermida ou santuário que, por piedosa disposição testamentária de D. João II, o seu sucessor — o Venturoso — transformou e em muito engrandeceu. A capela integrava-se na casa da Câmara onde o Senado Municipal teve suas reuniões desde os alvares do século XIV até aos meados do século XVIII.

Reformada totalmente cerca de 1728, foi, então, enriquecida de alfaias e paramentos. D. João V — cuja devoção por Santo António está bem patente na Basílica de Mafra — não deixou de a dotar com a mais larga munificência e a Real Casa de Santo António atingiu, neste reinado, um esplendor notável e os seus bens e rendimentos em muito foram aumentados.

Mas veio 1755 e tudo foi destruído, com excepção de grande parte da capela-mor, da imagem do Santo Patrono e da dependência onde se diz ter ele nascido.

Mantido o culto na parte da capela-mor poupada pelo sismo e que, para o efeito, sofrera as indispensáveis acomodações, só em 1767 se pensou na reedificação da igreja. Partiu a iniciativa do então provedor da Real Casa de Santo António e presidente do Senado da Câmara, Paulo de Carvalho e Mendonça, irmão do marquês de Pombal.

Deve-se ao sargento-mor Mateus Vicente de Oliveira a traça do novo templo, cujas linhas, não destituídas de elegante bom gosto, permitem considerá-lo como um dos mais interessantes e curiosos monumentos da arquitectura sacra do século XVIII.



Igreja de Santo António da Sé

FOTO F. N.

Mateus Vicente, oriundo da chamada escola de Mafra, trabalhou durante alguns anos sob a orientação directa de Ludovice. Além de architecto do Senado da Câmara, desempenhou as mesmas funções na Casa do Infantado, no Priorado do Crato e na Santa Igreja de Lisboa. Exerceu também a sua actividade nas obras do Palácio de Queluz e



PRIVILEGIOS
CONCEDIDOS PELOS SENHORES REIS

de Portugal aos Mamposteiros, e Pedidores da Real
Casa, e Igreja do Glorioso

SANTO ANTONIO
DE LISBOA,

Da sua protecção, izenta da Jurisdicção Ordina ria, e immediata
á Santa Sé Apostolica.



LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.

saiu do seu lápis o risco da Basílica da Estrela até à cimalha real, porquanto de aí para cima, interior e exteriormente, incluindo zimbório e torres o desenho é da autoria de outro architecto — Reinaldo Manuel.

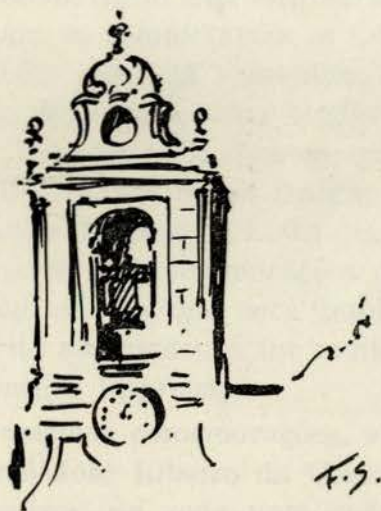
Muito embora longe de estar concluída foi a nova casa de Santo António aberta ao culto, precedendo solene bênção, em 15 de Maio de 1787, iam vinte anos andados sobre a festiva abertura dos caboucos. Mais vinte e cinco decorreriam ainda até que o templo fosse dado por concluído. Se bem que o Senado da Câmara, em cujo património aquele continuava incorporado, tivesse subsidiado a obra, a verdade é que o longo período por que a mesma se estendeu teve origem em dificuldades financeiras, resultantes não só, segundo é de crer, da transferência da Corte para o Rio de Janeiro, como ainda dos transtornos que à vida da Nação, sob todos os aspectos, criaram as invasões francesas.

O custo total do edifício andou à volta de 120 contos de réis, valor da época, dos quais uma boa parte foi obtida, segundo numerosos escritos são concordes em afirmar, com a achega dos *cinco-réisinhos* que as crianças de Lisboa pediam para o Santo, cuja imagem encimava os singelos mas floridos troncos por elas armados pelos cantos e recantos da cidade.

Ora, é com tal facto que tem, ao que julgamos, estreita ligação um curioso documento que um bom amigo nos facultou e que, embora incompleto, nos parece digno de referência. Ignoramos até que ponto tal espécie é conhecida sobretudo por não termos, até agora, encontrado qualquer notícia a seu respeito. Junto se reproduz tal documento, de cujo conteúdo resulta claramente que quem nomeava para as várias freguesias os «Mamposteiros e pedidores das esmolas do Glorioso Santo António da cidade de Lisboa» eram o provedor e mais oficiais da «Meza da Real Casa, e Igreja do glorioso Santo António de Lisboa, da protecção de S. Magestade, izenta da Jurisdição Ordinaria, e immediata á Santa Sé Apostólica», e os privilégios concedidos a quem fosse «capaz e abonado para pedir com zelo e diligência» as esmolas destinadas ao aumento das obras, e reedificação da Real Casa e sua fábrica. O indivíduo nomeado não deveria consentir que alguém pedisse para o mesmo fim sem estar munido de licença especial da Mesa, e ficava obrigado a apresentar, sempre que lhe fosse exigida, certidão jurada e reconhecida do pároco da sua freguesia com a qual provasse que cumpria com zelo a obrigação assumida. Pagava para despesas da licença 480 réis e exigia-se-lhe a entrega de todas as esmolas que recebesse, as quais deveriam, em cada ano, ser superiores a 1.600 réis.

Ora, se era nomeado um pedidor para cada freguesia e se tal nomeação se revestia de certas formalidades e, ainda, se ninguém poderia pedir para a Real Casa de Santo António sem estar munido de licença especial, em que regime era realizado o peditório da rapaziada alfacinha? Estaria isenta de licença ou agiria por conta dos pedidores, cuja missão talvez não fosse de todo desinteressada?

Por nós não temos resposta para as perguntas formuladas e só podemos afirmar que os miúdos de Lisboa mantêm a tradição do peditório, agora sem preocupação de licenças e em proveito próprio, mas elevado o quantitativo da verba requerida de *cinco-réisinhos* para um *tostãozinho* e invocados, além de Santo António, os outros Santos de Junho — São João e São Pedro...



ACTIVIDADE CULTURAL

do Último Trimestre

EM virtude da Assembleia Geral extraordinária convocada e reunida em 24 de Abril para se completarem os Corpos Gerentes para o triénio de 1961-1963, como já referimos, a actividade cultural iniciou-se só em 18 de Maio com uma conferência do director do Grupo Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos que, perante numerosa assistência dissertou «Em louvor duma insigne figura lisboeta» que outra não era do que Santo António de Lisboa, a que o Grupo resolveu consagrar a principal parte nas comemorações do 25.º aniversário da sua fundação. Esta conferência que será publicada oportunamente reuniu grande número de associados e foi muito apreciada, a ela se tendo referido largamente a Imprensa.

Na sequência das mesmas comemorações, em 25 do mesmo mês, o nosso sócio Sr. Coronel José Ribeiro da Costa Júnior, antigo combatente de Angola, realizou na sede uma conferência, incluída na Semana do Ultramar, em colaboração com a Sociedade de Geografia de Lisboa, sobre «Santo António de Lisboa no nome de uma Banza nos Dembos (Angola)». A esta conferência assistiu, em representação da Sociedade de Geografia de Lisboa, o Sr. General Ferreira Martins e o primeiro ferido nos ataques terroristas de Angola, o guarda da P. S. P., Cândido Barbosa dos Reis Sales. Tomou parte na mesa o Sr. Dr. Gonçalves Magno, filho de um combatente dos Dembos, o falecido Major

David Magno. Esta conferência será também publicada no próximo número de OLISIPO.

Em 28 de Maio, cerca de duzentos sócios e suas famílias deslocaram-se à Sé Patriarcal onde, sob a direcção do Rev. Cónego Sr. Manuel Luís, visitaram o edifício e o seu rico tesouro. Esta visita teve também o a-propósito de visitar o templo onde foi baptizado Santo António de Lisboa.



Na Conferência do Coronel Sr. José Ribeiro Júnior.

O conferente e a Mesa da Presidência

De 8 de Junho até ao fim do mês esteve exposta nas salas da nossa sede uma notabilíssima exposição de fotografias e algumas espécies bibliográficas antonianas da colecção do nosso director Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos. As largas referências da Imprensa, a farta concorrência e a categoria dos visitantes, dão bem a nota do

êxito desta exposição que, a par de pessoas da mais elevada categoria social e intelectual, trouxe às nossas salas, em visita especial, os nossos ilustres consócios os Srs. Presidente e Vice-Presidente de Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa, respectivamente os Ex.^{mos} Srs. Brigadeiro António Vitorino França Borges e Aníbal David, como noutra local deste Boletim se refere em especial.



Inauguração da Exposição Antoniana (fotografias e algumas espécies bibliográficas) da colecção do Director, Eng. Júlio Eduardo dos Santos

Incluído nas comemorações do 25.º aniversário do Grupo realizou-se no dia 10, na Igreja de S. Vicente de Fora, Missa comemorativa e por intenção dos sócios falecidos. Teve larga concorrência e foi celebrante o nosso sócio o Rev. Padre Sr. José Correia da Cunha, Prior de S. Vicente. Após a missa alguns sócios acompanhados da Pároco visitaram o edifício.

Em 11 de Junho, em 3 autocarros, vários sócios se deslocaram em visita de estudo e cultural ao Monumento a Cristo-Rei fronteiro à

cidade, e cerca do local onde irá terminar a Ponte sobre o Tejo, local de magnífica panorâmica sobre a cidade. Aproveitando a deslocação os visitantes passaram pelo Convento dos Capuchos, em Caparica, onde foram recebidos pelo Vice-Presidente da Câmara Municipal de Almada e pelo Presidente da respectiva Comissão de Turismo, tendo ido lanchar à Costa de Caparica. No local do término da Ponte foram elucidados sobre números, cotas e outros informes sobre a futura Ponte fornecidos pela Comissão da Ponte sobre o Tejo.



*O Rev. Padre Henrique Pinto Rema, conferente em 22 de Junho,
na Mesa da Presidência*

Em 22 de Junho o Rev. Padre Henrique Pinto Rema, professor do Liceu Camões, realizou na sede uma conferência sobre «Santo António e a cultura da Idade Média». Nessa conferência que o próximo OLISIPO reproduzirá foi apresentada pelo conferencista uma fotografia duma imagem de madeira existente na Igreja de S. Francisco, em Lamego, representando Santo António com vestes doutorais.

A actividade cultural do trimestre terminou a 25 com a visita à Igreja e Mosteiro dos Jerónimos e às instalações da Secção Pina Manique da Casa Pia de Lisboa. Dirigiu a visita o nosso consócio Sr. Francisco de Oliveira Martins, professor da Casa Pia, que no templo e na Biblioteca preleccionou eruditamente sobre a história do edifício e da instituição onde os visitantes foram recebidos pelo director da Secção Pina Manique Eng. Sr. Armando Saraiva e pelo director do Instituto dos Surdos-mudos Eng. Sr. Antonino do Amaral.

Desde 22 de Junho, como de hábito, que os «Amigos de Lisboa» estão representandos na Feira do Livro pela sua costumada barraca, mercê de amável convite da direcção do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros de Portugal.

À conferência do Eng. Sr. Júlio Eduardo dos Santos presidiu o Presidente da Junta Directiva Prof. Doutor Fernando Freitas Simões, e às restantes o Secretário-Geral. Em todos os actos, visitas culturais, inauguração da Feira do Livro, etc. fizeram-se largamente representar os Corpos Directivos.

Em 9 de Junho S. Ex.^a o Sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa recebeu, em audiência particular, a nova Junta Directiva do Grupo, que o foi saudar após a sua eleição para o triénio de 1961-1963. A Junta Directiva que compareceu na sua totalidade esteve também para o mesmo fim no gabinete do Sr. Vice-Presidente da Câmara. Foram trocadas largas e amistosas impressões sobre os problemas olisiponenses e a vida do Grupo.

E. N.

LISTA DOS ACTUAIS CORPOS GERENTES

PARA O TRIÉNIO DE 1961/1963

Por lapso, de que pedimos desculpa, veio incompleta a lista dos corpos gerentes para o triénio de 1961/63, que agora se corrige. Faltou mencionar:

Junta Directiva — Efectivos

Tesoureiro

Hugo Raposo



Feira da Ladra

Tesouro da Sé

NA visita que nos proporcionou o zeloso guardião deste riquíssimo repostório de preciosidades, o venerando e Reverendo Senhor Cónego Manuel Luís, digno e erudito prior da Sé e de São João da Praça, Fabriqueiro do Reverendo Cabido da nossa Sé Patriarcal foram-nos reveladas circunstâncias várias.

A par do zelo e carinho do seu guardião, o notório e extraordinário valor das peças arrecadadas, e simultâneamente a ausência de possibilidades de acondicionamento e sua conservação condigna. Uma vez conseguida esta, e parece-nos indispensável e urgente, estaria resolvido o duplo problema, o da sua conservação e o da sua exposição e visita que poderia ser ao mesmo tempo motivo de atracção turística e fonte de rendimentos.

Aqui deixamos o reparo a quem de direito.

E. N.

Mosteiro de S. Vicente

Quando da Missa comemorativa do 25.º aniversário do Grupo, tivemos ensejo, mercê da amabilidade do Rev. Pároco de S. Vicente, o nosso consócio Sr. Padre José Correia da Cunha, de visitar a parte do Mosteiro onde em tempos estiveram instaladas dependências da Repartição de Finanças e do Liceu Gil Vicente, os respectivos claustros e torres.

É desolador e confrange o lastimoso estado de abandono e ruína eminente de grande parte, dos telhados, terraços, torres e claustros. Grande número de azulejos, preciosos, danificados, infiltrações de águas, fazendo ruir paredes, pondo até em perigo o próprio templo, a sacristia e suas dependências.

A BEM DE LISBOA não seria possível obviar a tal descalabro? É o que se pede, lembra e sugere a quem de direito.

Deus o permita.

E. N.

LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS

VÁRIA

| | PREÇOS | |
|--|--------|----------|
| | Sócios | Público |
| Evocação do Café Martinho | | esgotado |
| Noite de evocação do Leão de Ouro | 13\$50 | 15\$00 |
| Urbanização de Lisboa | 4\$50 | 5\$00 |
| Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins | | esgotado |
| Olisipos (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34 e 43)... cada, dos que existem, | 18\$00 | 20\$00 |
| Evocação do Café-Restaurante Tavares | 4\$00 | 5\$00 |
| Jantar de Confraternização na Casa do Leão | 4\$00 | 5\$00 |
| A cor de Lisboa | 13\$50 | 15\$00 |

A. VIEIRA DA SILVA

| | | |
|--|--------|----------|
| O Castelo de S. Jorge | 13\$50 | 15\$00 |
| A Ponte de Alcântara | 13\$50 | 15\$00 |
| Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa | | esgotado |
| Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa | 13\$50 | 15\$00 |

DR. ALFREDO DA CUNHA

| | | |
|--|--------|--------|
| Olisipo berço do periodismo português | 13\$50 | 15\$00 |
|--|--------|--------|

ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

| | | |
|--|--------|--------|
| Algumas achegas para a História da Defesa de Lisboa | 13\$50 | 15\$00 |
| Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos | 13\$50 | 15\$00 |
| O Quartel de Campolide | 13\$50 | 15\$00 |
| O Quartel do Regimento do Conde de Lippe | 13\$50 | 15\$00 |
| A Torre do Bugio | 18\$00 | 20\$00 |

DR. AMADEU FERREIRA DE ALMEIDA

| | | |
|------------------------------|--------|--------|
| Dicionário Excêntrico | 36\$00 | 40\$00 |
|------------------------------|--------|--------|

DR. ANTÓNIO DE QUADROS FERRO

| | | |
|---------------------------|-------|-------|
| O Enigma de Lisboa | 7\$00 | 7\$50 |
|---------------------------|-------|-------|

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

| | | |
|--|--------|--------|
| A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão | 13\$50 | 15\$00 |
| O Campo de Santa Clara | 13\$50 | 15\$00 |
| Ronda e Silva de Lisboa Velha | 9\$00 | 10\$00 |
| Bagatelas de tempo vário | 9\$00 | 10\$00 |

DR. EDUARDO NEVES

| | | |
|--|--|----------|
| Uma recordação sebástica no Sítio da Luz | | esgotado |
| Um arcebispo Primaz | | > |
| João Alberto Pereira de Azevedo Neves | | > |
| Um desenho à pena da autoria de Júlio de Castilho | | > |

DR. EDUARDO NEVES

| | PREÇOS | |
|---|----------|---------|
| | Sócios | Público |
| Ruínas do Carmo | esgotado | |
| Igreja da Penha de França | > | |
| Faculdade de Medicina | > | |
| Lisboa nos Ex-Libris | > | |
| Lisboa na Numismática e na Medalhística | > | |
| O Convento dos Barbadinhos Italianos | > | |
| Do Sítio do Intendente | > | |
| Lisboetas na Índia e Luso-Indianos em Lisboa | > | |
| Alocuções | > | |
| Homenagem a Matos Sequeira | 13\$50 | 15\$00 |
| Dos selos pendentes do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Um notável selo de 1580 | 15\$00 | 20\$00 |
| Um Pintor Romântico Francês em Lisboa, em 1837 | esgotado | |

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

| | | |
|--------------------------------|--------|--------|
| A Irmandade de S. Lucas | 13\$50 | 15\$00 |
|--------------------------------|--------|--------|

FRANCISCO LEITE DE FARIA

| | | |
|---|--------|--------|
| Lisboa e S. Lourenço de Brindes | 13\$50 | 15\$00 |
| Alvorogo na Lisboa setecentista à volta do Barbadinho Frei André de Búrgio | 13\$50 | 15\$00 |
| A Morte de S. Lourenço de Brindes e as homenagens que Lisboa lhe prestou | 13\$50 | 15\$00 |

FRANCISCO DE OLIVEIRA MARTINS

| | | |
|--|--------|--------|
| O Colégio de «Jesus» dos Meninos Órfãos da Mouraria | 18\$00 | 20\$00 |
| O Romance de Almeida Garrett nesta Lisboa | 18\$00 | 20\$00 |

DR. GILBERTO MONTEIRO

| | | |
|--|--------|--------|
| Esboço histórico do Hospital de Belém | 18\$00 | 20\$00 |
| D. Gilberto | 13\$50 | 15\$00 |

GODOFREDO FERREIRA

| | | |
|--|----------|--|
| Um ricaço lisboeta do século XVII | esgotado | |
|--|----------|--|

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

| | | |
|-------------------------|--------|--------|
| Auto de S. João | 9\$00 | 10\$00 |
| Lisboa (Comédia) | 18\$00 | 20\$00 |

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

| | | |
|-----------------------------------|--------|--------|
| Vultos e sombras medievais | 45\$00 | 50\$00 |
|-----------------------------------|--------|--------|

HUGO RAPOSO

| | | |
|---|-------|--------|
| Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ... | 9\$00 | 10\$00 |
|---|-------|--------|

| | PREÇOS | |
|--|--------|----------|
| | Sócios | Público |
| J. S. VIEIRA | | |
| O Convento dos Marianos | | esgotado |
| JOÃO MONTEIRO | | |
| Estrada de Sacavém | 27\$00 | 30\$00 |
| JOAQUIM ROQUE DA FONSECA | | |
| A Urbanização de Lisboa | 13\$50 | 15\$00 |
| JULIETA FERRÃO | | |
| Lisboa 1870 | | esgotado |
| ENG. JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS | | |
| Exposição Bibliográfica Antoniana — Junho de 1960 — Estoril ... | 9\$00 | 10\$00 |
| LUÍS MOITA | | |
| A Ermida de Santo Amaro | | esgotado |
| O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses | 7\$00 | 7\$50 |
| Santiago Rosiñol e a «Alegria que Passa» | 12\$50 | 12\$50 |
| LUIZ PASTOR DE MACEDO | | |
| Ascendentes de Camilo | 13\$50 | 15\$00 |
| LUÍS TEIXEIRA | | |
| O «Diário de Notícias» e o Século XIX | 4\$00 | 5\$00 |
| DR. MANUEL VICENTE MOREIRA | | |
| Jardins de Lisboa e Porto | 9\$00 | 10\$00 |
| Lisboa Oriental | 4\$00 | 5\$00 |
| O Problema da Habitação | 27\$00 | 30\$00 |
| MÁRIO COSTA | | |
| Da Rua Nova à Rua dos Capelistas | 18\$00 | 20\$00 |
| Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica | 13\$50 | 15\$00 |
| A Patriarcal Queimada | 18\$00 | 20\$00 |
| O Palácio do Manteigueiro | 18\$00 | 20\$00 |
| O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor o Convento do Espírito Santo da Pedreira | 18\$00 | 20\$00 |
| Uma quermesse de caridade na Real Tapada da Ajuda | 45\$00 | 50\$00 |
| O Sítio de Santo Amaro | 18\$00 | 20\$00 |
| Duas facas de mato notáveis | 13\$50 | 15\$00 |
| Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra | | esgotado |

MÁRIO SAMPAIO RIBEIROPREÇOS
Sócios Público

| | | |
|---|----------|--------|
| A Igreja da Conceição Velha | esgotado | |
| A Igreja e o Convento da Graça | 13\$50 | 15\$00 |
| Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St.ª Maria de Belém | 45\$00 | 50\$00 |
| A propósito da inscrição sepulcral do fundador da Ermida de | | |
| N. S. da Oliveira de Lisboa | 18\$00 | 20\$00 |
| A Calçada da Ajuda | esgotado | |

NORBERTO DE ARAÚJO

| | | |
|---------------------------------------|-------|--------|
| Pequena Monografia a S. Vicente... .. | 9\$00 | 10\$00 |
|---------------------------------------|-------|--------|

NUNO CATHARINO CARDOSO

| | | |
|---|-------|--------|
| Infante D. Henrique — Nótulas históricas | 9\$00 | 10\$00 |
|---|-------|--------|

RUY DE ANDRADE

| | | |
|---|-------|--------|
| Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas | | |
| da edificação citadina | 9\$00 | 10\$00 |

DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

| | | |
|---|--------|--------|
| Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Olisiponense... .. | 45\$00 | 50\$00 |
| A Quinta da Torrinha ao Vale do Pereiro | 18\$00 | 20\$00 |

ROBERTO DIAS COSTA

| | | |
|--|----------|--|
| A Paróquia de S. Jorge de Arroios | esgotado | |
|--|----------|--|

TINOP

| | | |
|--|--------|--------|
| Lisboa de Outrora, 2.º e 3.º vols. cada | 13\$50 | 15\$00 |
|--|--------|--------|

ALGUMAS EDIÇÕES
DA
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA



Publicações do 8.º Centenário da Conquista da Cidade:

DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DE LISBOA — *Livro I de Místicos e Livro II del Rei D. Fernando; Livro I de Místicos de Reis e Livro II dos Reis D. Diniz, D. Afonso IV e D. Pedro I; Livro do Lançamento e Serviço que a Cidade de Lisboa fez a El-Rei Nosso Senhor no ano de 1565, 4 volumes; Livro I do Tombo das Propriedades Foreiras à Câmara desta mui insigne cidade de Lisboa, 2 volumes; Cabido da Sé, Sumários de Loosada...* (1.º e último volume).

GRADES DE LISBOA — pelo Dr. *Jaime Lopes Dias*.

LISBOA — Oito Séculos de História — em 21 fascículos, sob a direcção de *Gustavo de Matos Sequeira* e com a colaboração literária de escritores da especialidade.

S. JOÃO DE BRITO — pelo Dr. *Marinho da Silva*.

Outras Publicações Culturais:

CASAS DA CÂMARA DE LISBOA — por *Luís Pastor de Macedo e Norberto de Araújo*.

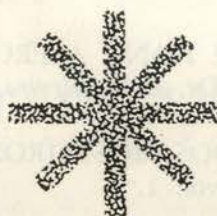
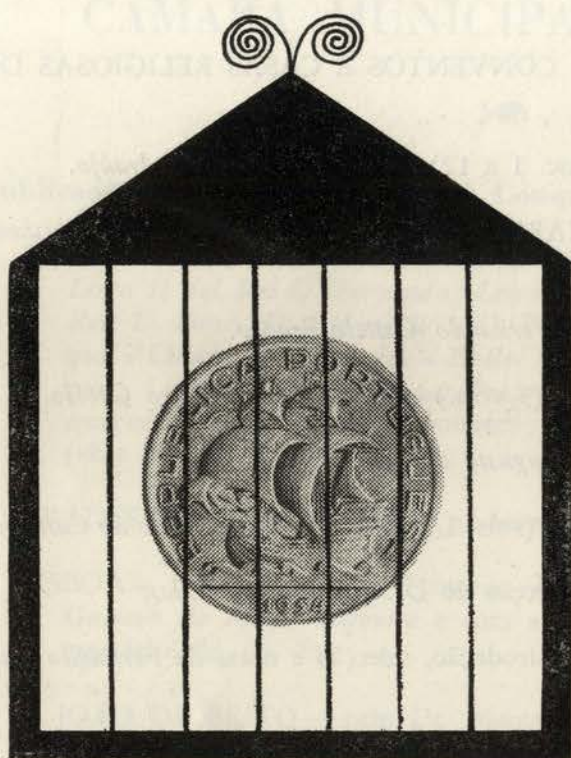
A FREGUESIA DE S. TIAGO (2 vols.) — por *Ferreira de Andrade*.

A FREGUESIA DE S. CRISTÓVÃO (2 vols.) — por *Ferreira de Andrade*.

A FREGUESIA DE SANTA CRUZ DA ALCÁÇOVA DE LISBOA — por *Ferreira de Andrade*.

- AS FREGUESIAS DE LISBOA — pelo Eng. *Augusto Vieira da Silva*.
- DISPERSOS (1.º, 2.º e 3.º vols.) — pelo Eng. *Augusto Vieira da Silva*.
- DOCUMENTOS DO ARQUIVO HISTÓRICO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — *Livros de Reis* (1.º, 2.º, 3.º e 4.º vols.)
- COLECTÂNEA OLISIPONENSE (1.º e 2.º vols.) — por *J. M. Cordeiro de Sousa*.
- ENSAIOS DE KANT A PROPÓSITO DO TERRAMOTO DE 1755 — tradução do Dr. *Luís Silveira*.
- HISTÓRIA DOS MOSTEIROS, CONVENTOS E CASAS RELIGIOSAS DE LISBOA (vol. 1.º)
- INVENTÁRIO DE LISBOA (fasc. 1 a 12) — por *Norberto de Araújo*.
- JARDINS E PALÁCIOS DOS MARQUESES DE FRONTEIRA — por *Cassiano Neves*.
- LISBOA SEISCENTISTA — por *Fernando Castelo-Branco*.
- O CANCIONEIRO DE LISBOA (3 vols.) — por *João de Castro Osório*.
- O POEMA DE LISBOA — por *Augusto de Santa Rita*.
- LISBOA ANTIGA — O bairro Alto (vols. 1.º, 2.º e 3.º) — por *Júlio de Castilho*.
- REVISTA MUNICIPAL — da direcção do Dr. *Jaime Lopes Dias*.
- PÁGINAS OLISIPONENSES — introdução, selecção e notas de *Fernando Castelo-Branco*.
- LISBOA — por *Luís Teixeira*.
- LISBOA E OS SEUS ENCANTOS
- ARTE E TURISMO
- ARCOS DE LISBOA — por *Matos Sequeira*.
- JANELAS DE LISBOA — por *Ferreira de Andrade*.
- MUSEUS DE LISBOA — por *Fernando Castelo-Branco*.
- ESCULTURAS DE LISBOA — por *Fernando Castelo-Branco*.

**SEGURO
POPULAR
DE VIDA**



uma moeda
que se guarda
um
Seguro
Popular de Vida
que se
alcança

companhia de seguros

IMPÉRIO

rua Garrett, 56-Lisboa

50\$00
por mês

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo

Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Vice-Presidente

Com. Alvaro Morna

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

Le Baron Pierre Bonvoisin

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

Major João Tarujo Nunes Correia

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Silvio Guimarães

CASA AFRICANA

●
**PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS**

●
**ON PARLE
FRANÇAIS**

●
**ENGLISH
SPOKEN**

Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para **HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS**

●
**Rua Augusta, 161 - Telef. 2 42 64 - 65 P. B. X.
LISBOA**

**Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO**

Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

S. A. R. L.

Capital Realizado Esc. 200.000.000\$00

Reservas Esc. 230.000.000\$00

RUA DO COMÉRCIO, 95 A 119

L I S B O A

Filiais - Porto, Coimbra, Braga, Covilhã, Faro, Guimarães e Ponta Delgada.

Agências - Abrantes, Alferrarede, Amadora, Anadia, Castelo Branco, Espinho, Estoril, Figueiró dos Vinhos, Gouveia, Guarda, Leiria, Mangualde, Matosinhos, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Olhão, São João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo, Trofa e Vila Franca de Xira.

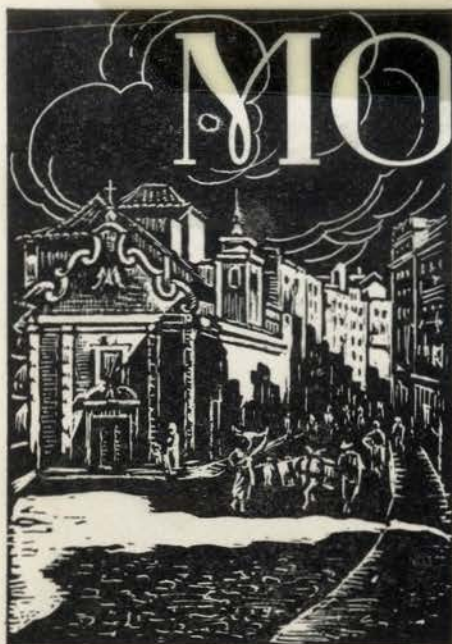
Dependências urbanas:

LISBOA - Alcântara, Almirante Reis, Belém, Benfica, Camões, Campolide, Campo Grande, Conde Barão, Graça, Poço do Bispo, Praça do Brasil, Praça do Chile, Praça Duque Saldanha, Praça de Londres e Rossio.

PORTO - Carvalhinho, Costa Cabral e Mousinho da Silveira.

●
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

RONDA DOS BAIRROS



MOURARIA

A

MOURARIA vai perdendo, a pouco e pouco, o seu ar lendário onde pontificavam marialvas e severas, mas ainda conserva um pitoresco local que muito agrada a todos aqueles para quem a cidade de Lisboa não é uma simples sucessão de bairros.

O camartelo municipal anda empenhado em acabar com certas ruas e vielas que atrofiam o coração da Baixa pombalina; mesmo assim, ainda sobram motivos que justificam um passeio pela Mouraria.

A ermida de Nossa Senhora da Saúde, o Arco do Marquês de Alegrete (de pé, por enquanto), alguns restos palacianos e conventuais, e sobretudo o ar antigo que parece pairar sobre ruas, travessas, largos e becos, garantem, aos apreciadores destas peregrinações em Lisboa, um desbobinar de saborosas sugestões, onde não falta aquele elemento humano que empresta à Mouraria o pitoresco inconfundível de uma página de «Tinop», ilustrada por José Malhoa.

Para visitar a Mouraria, servem as carreiras de «eléctricos»: 8, 10, 11, 12, 17, 17-A, 19; e as de autocarros n.º 16 e 24, podendo igualmente ser utilizadas todas as carreiras de «eléctricos» ou autocarros que passem pelo Rossio.



SENA SUGAR ESTATES, LTD.

Plantações e Fábricas de Açúcar em

LUABO

e

MARROMEU

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

NA LISBOA
DE ONTEM



E

NA LISBOA
DE HOJE



COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,
CONTRA A TOSSE:

BENZO-DIACOL